32197/B

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/b22031479

OBSERVAÇÕES

SOBRE O

MELHORAMENTO DOS HOSPITAES

EM GERAL,

DEDICADAS AO

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO

SENHOR

LUIZ PINTO

DE

SOUSA COUTINHO

SENHOR DE FERREIROS, E TENDAES, E DA CASA de Balſemaõ, Conſelheiro, Miniſtro, e Secretario de Eſtado dos Negocios Eſtrangeiros e da Guerra, Graõ-Cruz da Ordem de Aviz, Cavalleiro da Ordem do Toſaõ de Ouro &c. &c. &c.

POR

JORGE HENRIQUE LANGSDORF,

DOUTOR EM MEDICINA, E CIRURGIA, MEMBRO activo da Sociedade dos Amigos da Arte Obſtetricia em Gottinga, Medico aſſiſtente do defuncto Marechal dos Exercitos o Principe Chriſtiano de Waldeck &c. &c. &c.

Medico do Hoſpital da Naçaõ Alemã em Lisboa &c.

LISBOA

NA TYPOGRAFIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

ANNO M.DCCC.

Com licença da Meza do Deſembargo do Paço.

WELLCOME
HIS
LIBRARY

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO
SENHOR.

EU me atrevo a offerecer a V. EXCELLENCIA *as folhas ſeguintes como o tributo dos mais ſinceros agradecimentos, que lhe devo deſde o tempo em que perdi o meu bemfeitor e amo, o Marechal dos Exercitos e General o Principe Chriſtiano de Waldeck.*

Offereço eſtes meus diſvelos a V. EXCELLENCIA, *excelſo Amigo, Protector, e Cultivador das Sciencias e Artes, como hum monumento público de que faço o meu poſſivel, para me moſtrar naõ inteiramente indigno da graça, com que S. ALTEZA REAL por intervençaõ de V.* EXCELLENCIA *ſe dignou honrar-me.*

Naõ

Naõ tenho outro empenho publicando eſtas folhas, ſenaõ procurar a opportunidade de moſtrar publicamente, quanto eſtimaria poder ſer util á Naçaõ, e ao Eſtado em que vivo.

Receba V. Excellencia eſtas Obſervações, que me offereceu a minha experiencia e o meu eſtudo, com a promeſſa, de que farei ſempre toda a minha diligencia, para merecer mais a benevolencia, com que V. Excellencia me honrou, e para fazer-me o mais util que for poſſivel aos Vaſſallos de S. ALTEZA REAL.

Por iſſo peço me continue para o futuro, o meſmo magnanimo acolhimento, com que V. Excellencia me diſtinguio, para que nunca deixe de gozar da honra de confeſſar que ſou

De V. Excellencia

O mais obediente e fiel criado

Jorge Henrique Langsdorf.

OBSERVAÇÕES
SOBRE O
MELHORAMENTO DOS HOSPITAES.

CAPITULO I.

O FIM dos Hoſpitaes he o melhoramento da ſituaçaõ calamitoſa da parte do genero humano mais digna da commiſeraçaõ de ſeus ſemelhantes; multiplicando-ſe, e diverſificando-ſe por eſte meio os modos de exercitar a caridade a mais benefica. Com o progreſſo da cultura na Europa marchou com igual paſſo o augmento do zelo de ſoccorrer noſſos irmãos enfermos, e miſeraveis, mediante innumeraveis Inſtitutos deſta eſpecie, os quaes ſaõ em ſi mui differentes, e principalmente conſiſtem nos ſeguintes.

Hoſpitaes para Partos.

Eſtes Hoſpitaes foraõ inſtituidos, para que as peſſoas igualmente caſadas, como ſolteiras achaſſem hum aſylo ſeguro, para poderem parir commodamente. Quantas ha deſtas infelizes, que apenas poſſuem hum quarto pequeno, aonde ſaõ obrigadas a viver do trabalho de ſuas mãos, ſem terem criados, nem accommodaçõeſ, nem recurſos neceſſarios para procurallos? Huma innocente, e deſamparada criança, que vem neſtas circumſtancias ao mundo, ſuſtenta-ſe do leite nocivo da deſeſperada mãy; e aſſim logo nos primeiros dias dá prin-

cipio a huma vida miſeravel, e fragil, ou ſuccumbe em fim ao pezo da deſgraça.

Os Hoſpitaes inſtituidos para remediar eſtes males honraõ inſignemente o eſpirito humano: naõ ſó pelo augmento da populaçaõ dos Eſtados; mas porque elles meſmos ſe conſtituem as mais perfeitas eſcolas da arte obſtetricia, embaraçando, que tanto as mãys crueis, como as almas fracas, mortificadas pelo pejo mal entendido, ſuccumbaõ nos momentos os mais funeſtos á tentaçaõ enorme de matar ſeus proprios filhos; attentado execrando, e terrivel! ainda que os ſeus deſtroços atrozes ſaõ menos viſiveis nos Dominios Portuguezes.

Hoſpitaes Militares, e Maritimos.

Todos eſtes Hoſpitaes ſaõ mui differentes dos acima referidos; aquelles ſaõ ſó para mulheres, e eſtes principalmente para os homens. Neſte tempo bellicoſo tem-ſe eſcrito tanto em Alemanha, Inglaterra, e França ſobre eſta claſſe de Hoſpitaes, que eu excederia os limites deſte Opuſculo, ſe me propuzeſſe a apontar ſómente hum reſumo do que ſe tem publicado ſobre eſte objecto; e por iſſo me contento com dizer, que os Hoſpitaes Militares Auſtriacos, e os Maritimos Inglezes parecem merecer o maior applauſo, e conſideraçaõ.

Hoſpitaes para Doudos.

Os Hoſpitaes dos Doudos, ou Caſas d'Orates devem ſer diverſos de todos os outros antecedentes, a

reſ-

reſpeito da conſtrucçaõ dos edificios, do regulamento economico &c. Eſtes ſaõ tanto mais vantajoſos, quanto menos número exigem de peſſoas para a inſpecçaõ, e ſerviço de hum grande número deſtes infelizes; e quanto mais ſe póde obviar com poucos enfermeiros, que eſtes infelizes naõ façaõ mal a ſi, ou aos outros. Encontraõ-ſe muitas vezes doentes, que precíſaõ toda a ſua vida do cuidado de peſſoas habeis, que ſaibaõ governar as paixões dos afflictos por meio de paixões contrarias: o que requer muita attençaõ, experiencia, firmeza, e huma total iſençaõ de medo; qualidades, que naõ ſe adquirem ſenaõ á força de pratica.

A-aſſiſtencia dos doentes deſta natureza he na vida commum acompanhada de tantos trabalhos, e deſpezas, que os pobres por falta de meios naõ podem gozar della; e por iſſo os Eſtados ſoccorrem as ſuas faltas do melhor modo poſſivel; fundando expreſſamente Hoſpitaes para eſte fim.

O grande Hoſpital público de S. Lucas, e hum particular, que viſitei na Cidade de Londres, a que o célebre D.or Willis aſſiſte, ſaõ, ſem contradicçaõ alguma, os mais bem regulados, e aſſiſtidos, que ví nos Paizes, em que tenho viajado.

Hoſpitaes para Bexigas.

Eſtes Hoſpitaes devem ſer differentes, e ſeparados de todos os outros. A utilidade geral, que reſulta á Humanidade deſtes eſtabelecimentos he taõ conhecida,

que parece eſtranho, que ſe naõ tenhaõ propagado á proporçaõ da ſua grande utilidade. Em Inglaterra ſe fizeraõ maiores progreſſos neſte genero de Inſtitutos, do que em Paiz algum civilizado. Hum Medico muito acreditado do Hoſpital das bexigas em Londres, o Doutor Woodville, diz, que elle naõ tinha perdido mais do que huma criança de cada 600 dos ſeus inoculados.

Hoſpitaes para Cancros, mal Venereo, Caries, Gangrena &c.

Nas grandes cidades, aonde ſe accumulaõ doenças pegadiças, ſería da maior utilidade para o Público, que houveſſem Hoſpitaes para cada huma deſtas moleſtias em particular. A utilidade, que os praticantes tirariaõ de taes Inſtitutos, ſería taõ conſideravel, como o proveito para a ſciencia medica; e por iſſo ſaõ importantiſſimos para o intereſſe de todo o genero humano; por quanto os Medicos de hum ſemelhante Hoſpital poderiaõ fazer muitos progreſſos, e obſervações ſobre o modo de tratar, e curar as moleſtias particulares, tendo occaſiaõ de vêr mais doenças de huma eſpecie em huma ſemana, do que muitos outros podem vêr em hum, ou mais annos.

Os Hoſpitaes, que tem eſte deſtino, ou deveriaõ ſer abſolutamente ſeparados; ou ſe deveriaõ allugar caſas particulares em differentes bairros da cidade de hum ar ſaudavel, aonde encontraſſem a meſma aſſiſtencia medicinal, e o meſmo commodo, como no proprio Hoſpital

tal geral, do qual logo trataremos; e a caſa principal aonde ſempre exiſtir a maior quantidade de doentes, ficará por eſte meio ſegura de naõ ter o ar taõ inficionado.

Hoſpitaes Geraes.

Os Hoſpitaes geraes ſaõ aquelles, em que ſe recebem os enfermos de todas as claſſes, e de ambos os ſexos: ſaõ eſtes, além da utilidade geral de ſervirem de aſylo aos pobres afflictos, os que conſtituem os primeiros mananciaes da formaçaõ de hum ſyſtema racional para o adiantamento da ſciencia medica, e cirurgica; offerecendo continuadamente exemplos, por onde os Candidatos podem eſtudar a economía animal deſordenada por doença, ou leſa por qualquer cauſa exterior. Naõ ha couſa que influa mais ſobre a moralidade, promovendo ao meſmo tempo a conſervaçaõ da ſaude, e vida de innumeraveis membros da Sociedade humana, do que os Hoſpitáes bem conduzidos, e regulados. Iſto naõ obſtante encontraõ-ſe ainda em muitos lugares grandes preoccupações nas differentes claſſes dos homens, tanto nas inferiores como nas ſuperiores, contra os Hoſpitaes, mas eſtas ordinaria, e unicamente reſultaõ da ſua má adminiſtraçaõ.

Qual ſería aliàs a razaõ, por que huma indigente criada, ou hum pobre trabalhador teria difficuldade de entrar em Hoſpital algum, eſtando certo, que ſó allí acharia os remedios mais efficazes, os melhores Medicos, e Cirurgiões; e juntamente o maior cuidado, com-

modo, e melhor ſuſtento, do que poderia eſperar na ſua propria caſa, ou na de ſeus amos?

Hum Hoſpital bem inſtituido, e commodo ao eſtado particular dos doentes, poſſue todos os bens, que ſaõ capazes de nos dar alivio em tal ſituaçaõ: por iſſo as peſſoas competentemente inſtruidas, deveriaõ combater as preoccupações, que ainda exiſtem nas claſſes naõ inſtruidas, contra eſtabelecimentos taõ proveitoſos; preoccupações, que ſaõ ſuſtentadas ainda mais pelas narrações calumnioſas, e chimericas, que ſe inventaõ, para desfigurar a verdade. Havendo v. gr. queixas da má conducta de qualquer peſſoa empregada em huma Inſtituiçaõ Pública, deveriaõ applicar-ſe os meios proprios, e competentes para fazer patente a ſua verdade; a fim de que nem o geral, nem o individuo ſoffraõ injuſtamente, ou que Corporaçaõ alguma padeça a injúria, que ſó deve recahir ſobre alguns particulares verdadeiramente culpados. Eſtas conſiderações, e muitas outras, que naturalmente naſcem dellas, devem acautelar a qualquer peſſoa, para que naõ acredite conclusões nocivas ao credito, e intereſſe da beneficencia pública. Sendo o alvo de huma tal Inſtituiçaõ em ſi inconteſtavelmente bom, e as intenções dos Directores della puras; os erros, ou máo procedimento dos Enfermeiros, ou Serventes ſe devem entaõ conſiderar como males temporarios, e remediaveis, por procederem da natureza das couſas, e naõ como hum pretexto, para que as peſſoas caritativas retirem a ſua benefica aſſiſtencia.

Os

Os Hoſpitaes, bem como todos os outros Inſtitutos de piedade convenientemente adminiſtrados, ſummamente honraõ a eſpecie humana ; e as utilidades , que dallí reſultaõ ſaõ taõ evidentes, que qualquer ainda ſem prática as póde conhecer : mas com tudo por mais proveitoſos, que ſejaõ d'huma parte, ſe da outra elles naõ ſaõ bem conſtruidos, e regulados, o mal excederá exceſſivamente os bens, que dallí deveriaõ provir á Sociedade dos homens. Quantas razões poderiaõ allegar-ſe para confirmar eſta verdade? He couſa lamentavel, que huns Inſtitutos, que foraõ eſtabelecidos para o recobramento da ſaude, e conſervaçaõ da vida, ſe tornem frequentemente em viveiros de moleſtias, e em habitações de morte prematura.

De todas as peſſoas, que morrem em Pariz, huma terça parte fallece nos Hoſpitaes : no Hoſpital antigamente chamado *Hôtel-Dieu* , agora *Hoſpice de l'Humanité* tem fallecido ha poucos annos mais de hum doente de cada cinco que entráraõ (1). Nos de S. Thomaz, e de S. Bartholomeu em Londres, de cada treze morre hum. No de Northhampton hum de cada dezanove: em Mancheſter hum de vinte e dous; número eſte que excede muito á ſomma dos que fallecem em caſas particulares.

Con-

(1) Antes da revoluçaõ eſte Eſtabelecimento podia conter 2000 Enfermos ; mas eſte número he agora reduzido , e por eſta razaõ acha-ſe muito melhorado.

Conforme a Tabella seguinte morrêraõ no noſſo Hoſpital geral de S. Joſé nos ultimos ſeis annos paſſados hum de cada nove; e aſſim quaſi dobrado número dos que perdem a vida na maior parte dos Hoſpitaes Inglezes. Huma attenta, e exacta inquiriçaõ ácerca deſtas deſgraças, e ſobre os meios de precavellas, póde conduzir ao deſcobrimento da cauſa original deſta grande mortandade: e qualquer paſſo para melhoramento deſtes defeitos conſervaria ao Eſtado muitos Vaſſallos; por quanto he innegavel, que ſe morreſſe ſómente hum de dez, ſe conſervaria ſó neſte Hoſpital geral de S. Joſé annualmente a vida de cem peſſoas; e por conſequencia huma vez, que o eſtado dos Hoſpitaes deſte Reino chegaſſe á perfeiçaõ dos melhores entre os Inglezes, iſto he que de 18 até 22 naõ falleceſſe ſenaõ hum, entaõ ſó 600, até 800 vidas ſe ſalvariaõ cada anno neſte Hoſpital.

Taboa dos Enfermos, que entráraõ, e fallecêraõ no Hoſpital de S. Joſé.

No anno	entráraõ	fallecêraõ	morreu hum de
1793	12000	1300	9. 23. = $9\frac{1}{4}$
1794	14000	1600	8. 75. = $8\frac{3}{4}$
1795	16000	1700	9. 41. = $9\frac{1}{2}$
1796	13000	1400	9. 28. = $9\frac{1}{4}$
1797	14000	1500	9. 33. = $9\frac{1}{3}$
1798	16000	1900	8. 43. = $8\frac{1}{2}$

To-

Todos os Hoſpitaes ordinariamente contém demaſiados doentes, e ſó pelo grande número deſtes he que o vulgo julga da bondade dos Hoſpitaes, ficando allucinado pela idéa confuſa, que lhe cauſa a viſta de huma quantidade exceſſiva á primeira inſpecçaõ, e daqui paſſa ſem mais exame racional a tirar conclusões abſolutamente falſas, e nocivas.

Por tanto naõ he indifferente a qualquer amigo da Humanidade o reflectir nas obſervações ſeguintes:

A quantidade dos enfermos, que ſe recebem em hum Hoſpital, nunca prova a quantidade das vidas por eſte modo conſervadas; nem o gráo, em que a miſeria he diminuida; nem taõ pouco o proveito, que daqui naſce para o Público. A proporçaõ dos curados, e aliviados em hum certo periodo de tempo, he o unico fundamento para ſe julgar da utilidade dos Hoſpitaes para a ſociedade dos homens. Eſta proporçaõ *cæteris paribus* ha de creſcer, ou diminuir conſideravelmente conforme o gráo do aſſeio, e pureza do ar; a qual ſem dúvida depende do numero maior, ou menor das peſſoas accumuladas em hum meſmo lugar. Por tanto o juizo, que o vulgo fórma do preſtimo dos Hoſpitaes em proporçaõ do numero dos doentes, funda-ſe ſobre hum principio errado.

Por maior, ou mais pequeno que ſeja o numero dos enfermos em qualquer Hoſpital, o effeito feliz, ou fatal das curas, que nelle ſe adminiſtraõ, ſempre dependerá da ſua ſituaçaõ em ares ſaudaveis, e da propor-

çaõ reſpectiva dos hoſpedados dentro de ſeus muros. Hum Hoſpital, geralmente fallando, deve receber muito menos enfermos do que parece caberem nelle, ou para melhor dizer, nunca ſe deveriaõ acceitar mais que aquelles, cujo numero foi determinado pelo Inſtituidor.

Tambem ſe deve fazer eſcolha dos individuos, que ſe admittem nos Hoſpitaes, e obſervar-ſe:

1.° Se a doença poderá ſer curada em pouco tempo, ou naõ.

2.° Se a doença, em quanto ao perigo, e pela ſua natureza requer a attençaõ de peſſoas inſtruidas, e experientes.

3.° Se a doença he contagioſa, ou epidemica.

Os doentes de feridas, ou fracturas &c. devem ſer recebidos immediatamente ſem mais particular licença, ou recommendaçaõ. Muitas deſtas enfermidades ſaõ de huma eſpecie tal, que nem ſaõ nocivas ao ar; nem o ar do Hoſpital, ſempre mais, ou menos damnoſo, tem influencia alguma ſobre ellas.

Ha porém algumas, contra as quaes ſe deveriaõ fazer difficuldades. As moleſtias chronicas, aſſim como cirurgicas, que naõ requerem attençaõ particular medica, ou cirurgica, ſeriaõ mais bem tratadas fóra do Hoſpital nas proprias caſas dos enfermos. Das gangrenoſas, cancroſas &c. fallei ainda agora (pag. 4.).

Naõ baſta porém cuidar na diminuiçaõ do numero dos enfermos no grande Hoſpital, he neceſſario tambem cuidar do melhor modo poſſivel no alivio dos doentes

fóra

fóra do Hoſpital com remedios, e com toda a aſſiſtencia dos Médicos, e Cirurgiões.

A obſervancia deſtas medidas produz as mais beneficas vantagens; por quanto as camas do Hoſpital, cujo número deve ſer determinado, naõ ſervem ſenaõ para os doentes, que naõ podem paſſar ſem continua aſſiſtencia medica, e cirurgica dentro do Hoſpital.

Menos número de camas ſerá neceſſario em quanto os que ſaõ tratados em ſuas proprias caſas, ſendo igualmente merecedores da attençaõ compaſſiva da Humanidade, poderiaõ igualmente ſer ſoccorridos ſem accumular a infecçaõ do ar, e fazer uſo das camas do meſmo Hoſpital.

A reſpeito das enfermidades internas, as peſſoas com moleſtias inflammatorias devem ſer recebidas com preferencia ás chronicas. As febres pela ſua natureza ſaõ em ſi muito differentes, e as razões, pelas quaes ellas devem ſer admittidas em hum Hoſpital, ſaõ muito fortes; porém exiſtem tambem cauſas que defendem algumas vezes eſta entrada, e que pódem ſer mais, ou menos poderoſas.

As ſesões, as febres inflammatorias remittentes, as inflammações locaes, as febres rheumaticas &c. ſaõ taõ raras vezes propenſas a fazerem-ſe malignas, ou contagioſas, que os enfermos deſta qualidade podem entrar no Hoſpital ſem difficuldade alguma; mas ſempre deve haver cuidado, que fiquem ſeparados, quanto fôr poſſivel, huns dos outros.

As febres contagioſas, e podres, aſſim como outras doenças contagioſas, por cautella deveriaõ ficar mais ſeparadas, ou mais bem accommodadas nas caſas particulares acima mencionadas.

CAPITULO II.

Da conſtrucçaõ do edificio para hum Hoſpital.

SUppoſto que ſe queira edificar hum Hoſpital ſegundo os principios da boa razaõ, e da experiencia, cumpre conſultar as peſſoas mais intelligentes, e experimentadas ſobre hum eſtabelecimento de tanta conſideraçaõ.

O local do edificio, á abundancia de agoa, a diſtribuiçaõ dos repartimentos, e das janellas &c. devem ſer objectos da noſſa attenta ponderaçaõ; e principalmente deve entrar em conta a capacidade dos Architectos, os quaes deveriaõ ter as plantas das mais notaveis caſas deſte genero, para dahi colligirem idéas, e ſe appropriarem tudo o que foſſe compativel com o ſeu intento, e o local em que o devem pôr em execuçaõ.

A elegancia, a belleza, e o adorno exterior ſeja correſpondente á bondade do governo interior, ſeja até o ſeu aſpecto admiravel á viſta da maior parte dos homens; de ſorte que a ſua nobre ſimplicidade deſigne o ſeu preſtimo interior: tudo iſto pois deve ſer totalmente commettido á prudencia, perſpicacia, e bom goſto dos Architectos; e por tanto ſó me contento com fazer as ſeguintes advertencias:

A

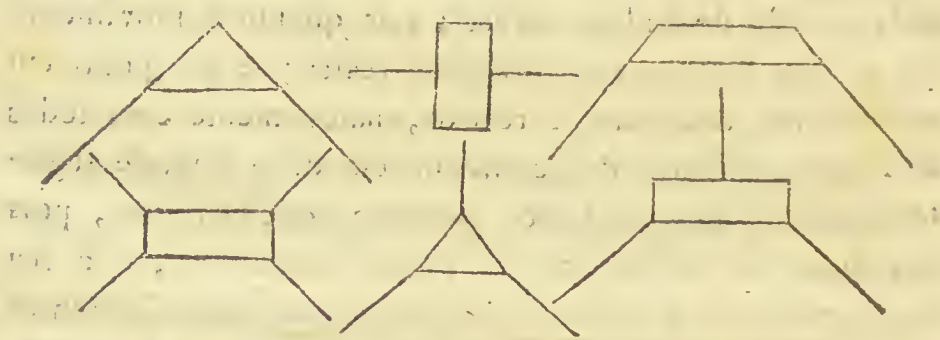
A ſituaçaõ do edificio deve ſempre ſer algum tanto elevada, e fóra das Cidades em terreno enxuto, e arenoſo, perto de rios, ou ribeiras para ficar mais commoda a conducçaõ das agoas indiſpenſavelmente neceſſarias.

As circumvizinhanças deveriaõ eſtar limpas de todos os pantanos, e agoas eſtagnadas; e nunca ſe deveria permittir que perto ſe edificaſſem fabricas, ou outros edificios, que podeſſem vir a ſer nocivos ao ar.

Na configuraçaõ do edificio ſe deve ſempre evitar toda a caſta de linhas curvas; por quanto o movimento do ar vai ſempre em direcções rectas; e he poſto em movimento, obſtruido, e reflexo, analogamente com todas as forças elaſticas. Por conſequencia diſto deve-ſe regeitar a fórma quadrada dos clauſtros dos Moſteiros; pois que o ar ſe demoraria nos vacuos interiores, e a ſua livre corrente acharia os impedimentos dos differentes lados. Tambem naõ he conveniente a forma dos edificios parallelos; porque tambem hum dos lados impede o curſo livre do ar do outro. Eis-aqui as razões taõ ſimples, como evidentes, por que figuras quadradas, parallelas, circulares &c. naõ devem entrar em conſideraçaõ, onde ſe podem eſcolher outras. Pela meſma razaõ naõ ſe devem igualmente conſentir muros altos em torno do edificio, a fim que o ar puro, freſco, e ameno em toda a ſua ſerenidade ſalutifera tenha ſempre o ſeu benigno acceſſo, e moſtre a ſua influencia aprazivel ſobre os enfermos.

Sen-

Sendo pois a figura do edificio hum dos requiſitos de maior attenção, eu paſſo a expôr algumas idéas ſobre a conſtrucçaõ nas figuras ſeguintes: os lados deſtas figuras ſaõ divergentes, e deixaõ na parte media do edificio eſpaço ſufficiente para huma, ou mais ſallas, aonde ſe devem collocar a Capella, a Botica, a caſa das obſervações Cirurgicas, para o exame dos doentes que vem de fóra, para as Juntas dos Medicos, e Cirurgiões, para a Livraria, para os aſſiſtentes, os Guardas, os Enfermeiros &c.



A altura do edificio naõ deveria exceder a dous andares; as enfermerias deveriaõ ter 15 pés de altura, com tanto eſpaço para cada doente, quanto geralmente ſe dá a hum quarto, em que dorme huma peſſoa. Os Francezes nos ſeus regulamentos para os Hoſpitaes Militares eſtabelecem hum eſpaço de 250 pés cubicos mais, ou menos para cada doente; de maneira que em huma ſala de 10 até 11 pés de altura, as camas devem eſtar ſeparadas huma da outra ao menos dous pés; em quarto de 9 pés de altura, dous pés e meio. Deſtes principios podem deduzir os Architectos o ſeu calculo

á

á viſta do numero dos enfermos, que ſe haõ de accommodar, e ſobre a extenſaõ conveniente do projectado Hoſpital.

As portas, e janellas devem ſer conſtruidas de fórma que naõ admittaõ corrente alguma de ar, que poſſa occaſionar alguma conſtipaçaõ aos enfermos; e ſempre devem haver algumas janellas, que ſe poſſaõ abrir de alto a baixo; a fim de dar entrada a maior porçaõ de ar freſco em certas occaſiões.

Poſto que foſſe inevitavel o dar ás ſallas huma vaſta extenſaõ, ou comprimento, eſtas deveriaõ ſer divididas em repartimentos competentes, com portas largas, abertas de alto a baixo; a fim de poder produzir de quando em quando huma corrente do ar correſpondente por todas as ſallas.

Cada enfermaria deve ter duas portas. O aſſoalhado dos quartos deve-ſe fazer de madeira, e diante dos meſmos os corredores, e patamaes das eſcadas; e eſtas ſejaõ de pedra, largas, ſeguras, e commodas.

Tambem deve haver huma chaminé em cada ſalla pequena, e nas maiores ſempre devem haver duas, huma no principio, e outra no tôpo; eſtas ſervem para ſe aquecerem os remedios, cataplaſmas, ptiſanas &c., e conſervar-ſe conſtantemente nellas lume acceſo, que concorre muito para entreter huma ſuave circulaçaõ do ar.

O Architecto, além diſto, deve ter conhecimento das melhores eſpecies de ventiladores, dos quaes ha huma grande variedáde, e deve empregar os mais adequados

dos em cada falla, para que o ar corrompido fáia, em quanto o freſco entra, ſempre com a devida cautella contra as conſtipações dos doentes.

Entre os meios convenientes para o fim expoſto, merece particular attençaõ huma caſta de rodetas, que encaixaõ nas vidraças das janellas, que ſe uſaõ em muitas terras, com a maior frequencia nas caſas particulares, as quaes já os Funileiros Portuguezes ſabem fazer com muita deſtreza. Ellas renovaõ o ar, cauſando huma continua circulaçaõ ſem que o doente corra perigo de apanhar frio.

Igualmente devem haver aberturas nos ſobrados de huns andares para os outros para maior communicaçaõ de maiores quantidades de ar.

Depois de tudo iſtó deverá deſtinar-ſe hum lugar ſeparado, e commodo para os convalecentes gozarem do exercicio do paſſeio com goſto, tanto no tempo enxuto, como tambem no de chuva.

A cozinha deve ſer larga, eſpaçoſa, e bem provida de todos os apparatos, accommodações, traſtes, e utenſís indiſpenſaveis para o preparo de muitos, e diverſos generos de comidas.

O Laboratorio Chimico, as caſas para Anatomia, aſſim como o depoſito dos mortos devem ficar affaſtados do Hoſpital.

Huma das couſas mais eſſenciaes, e dignas de attençaõ de hum Architecto ſaõ as latrinas, em cuja diſpoſiçaõ propria ſe patenteia o ſeu maior diſcernimento,

fican-

ficando ellas ſeparadas dos quartos; porém de maneira que os doentes naõ ſejaõ obrigados a fazer penoſas, e difficeis caminhadas, nas quaes fiquem expoſtos a alguma conſtipaçaõ perigoſa. As ſuas portas devem ter hum pezo, ou de coiro cheio de arêa, ou de qualquer outra caſta, a fim de ſe fecharem por ſi meſmas, evitando-ſe por eſte meio o máo cheiro, que evaporaõ ſemelhantes lugares em tormento do olfato, e embaraço da reſpiraçaõ livre. Devem tambem ſer lavados todos os dias eſtes receptaculos das mais craſſas immundicias.

A maior parte dos Hoſpitaes já exiſtentes naõ admittem mudanças na conſtrucçaõ primitiva; com tudo ſempre ſaõ ſuſceptiveis de muitos melhoramentos, ſe mãos habeis dirigidas com intelligencia, e diſvelo para o adjutorio da ſoffredora Humanidade, ſe occuparem a promovellos.

CAPITULO III.

Da pureza do ar, e do aſſeio nos Hoſpitaes.

O Ar puro, e o aſſeio ſaõ os principaes requiſitos para hum bom Hoſpital, a cujo reſpeito os Senhores Inſpectores, Directores, e Adminiſtradores devem ter o maior cuidado, e attençaõ: ambos eſtes objectos ſaõ taõ intimamente ligados, que hum naõ póde ſubſiſtir ſem o outro.

As circumſtancias menos favoraveis á ſalubridade do ar dos Hoſpitaes ſaõ innumeraveis: algumas obſer-

vações, que eu vou apontar poderáõ conduzir a outras novas idéas, e conclusões ſobre a maneira de corrigir, e remediar males ainda mais funeſtos. Todas eſtas obſervações relativas ao ar dos Hoſpitaes ſe pódem referir *mutatis mutandis* ás circumſtancias dos homens, que vivem juntos nas Cidades grandes, ou pequenas; em manufacturas, ou fabricas, e meſmo em caſas particulares, eſcolas &c. mas particularmente aquelles, que vivem accumulados nos acampamentos, e abarracamentos da tropa, a bordo das embarcações de guerra, e nas de tranſporte, nas prizões &c., e por iſto ſaõ em geral intereſſantes.

O ar atmoſferico he indiſpenſavelmente preciſo á noſſa exiſtencia em differentes ſentidos. Elle conſerva a reſpiraçaõ, ſem a qual ceſſaria a circulaçaõ do ſangue, e a morte ſeria a conſequencia. Elle he ſummamente neceſſario aos vaſos abſorventes da cutis, e dos bofes, que embebem a parte conſtituinte do ſangue, recebendo ao meſmo tempo das extremidades das arterias nas meſmas partes, tudo aquillo, que deve ſer expulſado do ſangue. Como eſtas funções oppoſtas ſe acompanhaõ mutuamente ſem interrupçaõ alguma, naõ ſe póde determinar com certeza, qual ſerá a natureza particular da materia, ou abſorvida, ou expulſada; com tudo huma couſa parece verificar-ſe; a ſaber, que o principio chamado *oxygeneo*, ou ar vital, he donde dependem principalmente as operações dos vaſos abſorventes, e a vida.

A pureza do ar, e conſeguintemente a ſua influencia

cia póde ſer inficionada em differentes circumſtancias, e por diverſos motivos:

Por tudo o que diminue os ſeus immediatos requiſitos para receber em quantidade proporcionada o que he preciſo á reſpiraçaõ, e por tudo o que deſtroe, ou diminue o que deve ſer abſorvido pelos vaſos minimos abſorventes dos boſes, e da pelle, e ainda tudo aquillo, que pela ſua meſma natureza, e má qualidade ſe poder provar nocivo á reſpiraçaõ.

De todas eſtas differentes cauſas pódem originar-ſe varias combinações de nocivos effeitos. As depravações do ar ſaõ infinitas; cada hunia deſtas cauſas principaes caminha gradualmente desde o gráo mais inſenſivel atê ao aſſaz violento para effectuar inſtantaneamente a morte; porém o ponto medio, no qual o ar ainda ſe conſerva ſadio, e aonde immediatamente principia a ſer nocivo, naõ ſe póde determinar exactamente.

A tranſpiraçaõ animal póde gerar hum contagio (1),

(1) Sabe-ſe muito bem, que quando as exhalações, que ſempre tiraõ a ſua origem de hum corpo vivente, ficando muito tempo no meſmo lugar ſem ſerem diffundidas na atmoſfera, recebem huma qualidade venenoſa ſingular, e eſta communicando-ſe ao corpo humano cauſa huma febre notavelmente contagioſa. He bem notorio o deſaſtre da chamada Cova preta de Calcutta, aonde em poucas horas expiráraõ muitas peſſoas unicamente por falta do ar reſpiravel. Outros exemplos muito triſtes deſta eſpecie mencionou o Conde Leopold Berchtold no ſeu Enſaio ſobre a exenſaõ dos limites da beneficiencia pag. 182 – 184.

e por isso he muito precisso haver a maior cautella a seu respeito.

Qualquer pessoa, ainda disfructando a melhor saude, tem huma influencia nociva sobre o ar, que a cerca, pela sua respiraçaõ, e transpiraçaõ; porém o effeito disto, ou naõ se manifesta logo distinctamente, ou a força do corpo individual he superior a semelhante influencia. Todavia se estes vapores saõ geralmente prejudiciaes aos sadios, tanto mais devem ser pernicioſos ás pessoas doentes, e que já naõ tem tantas forças.

As transpirações nocivas, que existem particularmente nas sallas dos doentes, as quaes saõ contrarias a todas as forças vitaes, e as consequencias funestas, que dellas absolutamente se seguem, causaõ muito damno a quem as absorve, ou pela respiraçaõ, ou pelos poros da pelle, e tornaõ muitas vezes o derradeiro refugio suspirado da cansada miseria em huma medonha, e mortifera prizaõ, na qual as victimas da desgraça saõ condemnadas a se prepararem reciprocamente pela inevitavel infecçaõ ao ultimo supplicio.

O ar, este primeiro alimento da vida quasi nunca se acha puro nos Hospitaes, de maneira que muitas vezes estaõ taõ inficionados, que realmente degeneraõ em pousadas daquella pestifera doença, a que chamaõ *febres dos Hospitaes*, ou de prizões, que mata talvez mais soldados, e marinheiros, que a mesma espada. O celebre Medico Pringle levantou a voz admoestadora mui energicamente contra o inhumano costume de accumular tan-

tantos doentes nos Hoſpitaes, e de abrir por eſta crueldade huma fonte, da qual eſta febre neceſſariamente diſtilla. Eſtabelece eſte Medico Filanthropo, como regra certa, de naõ accommodar huma ſalla eſpaçoſa mais enfermos do que a terça parte do numero, que na meſma dimenſaõ do local poderia julgar coubeſſe quem ignoraſſe os effeitos do ar inficionado.

Naõ ſe póde negar quanto eſta cautella he incongrua relativamente a certos planos, que ſe chamaõ economicos; mas quem naõ vê quanto a Humanidade ſe revolta contra taes projectos taõ oppoſtos aos eſſenciaes intereſſes do aſylo da ſaude dos enfermos, e a elles meſmos?

Havendo pois muitos doentes em huma ſalla grande, naturalmente ſe eſtreita o lugar que occupa cada individuo, com o da atmosfera da ſua reſpiraçaõ: ſegue-ſe dalli hum augmento inevitavel do perigo da infecçaõ, que progreſſivamente abranje maior numero de infelizes. Porque ſe naõ deve entaõ adoptar o ſyſtema da repartiçaõ de menor numero em apozentos proporcionados? aonde de mais a mais o ruido, o ſuſto, e quantidade de outras impreſsões ſiniſtras, que os luctadores com as mais calamitoſas afflicções cauſaõ huns aos outros, ſe diminue do modo mais benigno, em razaõ da diminuiçaõ do numero dos conſortes dos meſmos crueis achaques no meſmo lugar.

Os ſignaes dos effeitos do máo ar na côr do roſto ſaõ mui perceptiveis, pois o meſmo aſpecto, em que elles

elles ſe fazem viſiveis, differe de todos aquelles, que procedem de outras cauſas, que influem tambem ſobre a ſuperficie do corpo: ex. gr. da falta do exercicio, da dieta mal guardada, ou de outra qualquer doença: até ſe percebem nos que habitaõ em quaesquer caſas, aonde trabalha muita gente junta, ou aonde ha grande concurſo, ou apertado encerramento, e aonde contrahem tambem pelo eſtado do ar infectado a meſma caſta de pallidez ſingular, que os indica nos Hoſpitaes.

Hum eſpaço mais extenſo, e a renovaçaõ, e circulaçaõ do ar freſco ſaõ por eſta cauſa indiſpenſaveis para renovar, e ſubſtituir as partes mais puras do ar áquellas, ou que já ſaõ corruptas, ou pódem vir a ſello.

Todos os lugares fechados em hum Hoſpital, como os receptaculos da agoa, armazens, armarios, &c. devem ſer abertos, e lavados a miudo, e deveriaõ, ſe poſſivel foſſe, ter communicaçaõ com o ar externo, a fim que o ar nos quartos em tempo nenhum foſſe damnificado por aquelle que eſteve encerrado, e que agora ſe communica com elle.

As agoas paradas na vizinhança, e ſobre tudo ſe contém excrementos animaes, podem facilmente ſer origem de males graves; e por iſto nunca ſe haveriaõ de conſentir.

Os aqueductos, e as meſmas agoas correntes, quando naõ ſaõ guardadas em boa ordem, pódem igualmente cauſar graves prejuizos. Entupindo-ſe os canaes, e accumulando-ſe os deſpejos, que deveriaõ eſcoar, ſe eſpalhaõ por

toda

toda a caſa exhalações, que pódem vir a ſer mui perigoſas. Receptaculos de agoa perto dos canos para os lavar, quando fôr preciſo, ſeriaõ de grande utilidade.

Qualquer que ſeja a vantagem que ſe attribue theoricamente ás arvores expoſtas ás influencias do ſol pela qualidade das folhas, que embebem as partes nocivas do ar, nem por iſſo deixaõ de ſer nocivas na vizinhança das caſas, por impedirem a circulaçaõ do ar, e embaraçarem os raios do ſol; porém quando ſe preciſa dellas, em razaõ da ſombra, ou do ornato, entaõ as folhas, que cahem no Outono devem ſer varridas cuidadoſamente, e naõ ſe deve ſoffrer, que alli fiquem fermentando com toda a eſpecie de particulas nocivas, que ellas tem embebido. Devemos laſtimar, que naõ hajaõ experiencias mais exactas para determinar o effeito da vegetaçaõ ſobre o ar atmosferico, a fim de eſtribar ſobre o ſeu reſultado regras practicas. Talvez que as meſmas plantas, que creſcem na vizinhança dos Hoſpitaes podeſſem ſervir para indagar a natureza, e o gráo da impureza do ar em differentes ſituações, pois que ha certas arvores, e outras plantas, que naõ creſcem, e proſperaõ taõ bem em parte alguma, como perto de ſemelhantes caſas, e até nos cemiterios.

Em todos os Hoſpitaes ſe deveriaõ reſguardar quartos aſſeados para os doentes, que exigem ſer ſeparados daquelles, que lhes poderiaõ ſer nocivos por qualquer cauſa; v. gr. pelo delirio, tranſpirações infectas, chagas podres &c., ou meſmo por aquelles que preciſaõ de

me-

melhor ar para convaleſcer. O ar que reſpiraõ os convaleſcentes, e outras peſſoas, que pódem deixar a cama, e a ſua accommodaçaõ reſpectiva, tambem merecem grande attençaõ. He certo que mui poucos Hoſpitaes gozaõ da vantagem agradavel de hum campo, ou de hum quintal perto, para paſſearem os enfermos, e ſe os tem, quaſi nunca ſaõ taõ aptos para o proveito dos doentes, como deveriaõ ſer. O ar embebido nos veſtidos de qualquer peſſoa, que entra no quarto depois de hum paſſeio ao campo, eſpalhando-ſe em torno delle, certamente ha de ſer muito ſenſivel, e agradavel aos que exiſtem na enfermaria; mas por que cauſa naõ ſe procura o ſeu beneficio com mais diligencia?

Tambem devemos advertir, que as paredes devem infallivelmente ſer caiadas ao menos huma vez cada anno no veraõ, e a experiencia verificou o que Mr. Howard recommenda a eſte reſpeito, que conſiſte na obſervaçaõ eſcrupuloſa do ſeguinte: A ſuperficie da parede deve ſer primeiramente molhada, e muito bem picada, e eſtando enxuta, ſe caiará com huma miſtura unicamente de pedra de cal viva, e agoa, em quanto dura a ſua fermentaçaõ; e por conſequencia naõ deve preparar-ſe maior porçaõ do que aquella, que pode gaſtar-ſe em quanto eſtá quente. Sendo o methodo commum, e mais geral de caiar ſimplesmente as paredes já taõ util ao menos para matar os inſectos, e deſtruir os ſeus ninhos, quanto mais efficaz ſe moſtrará o modo de as lavar com huma miſtura de cal viva, e agoa fervenven-

vendo, porque abafa ſem dúvida ao meſmo tempo a força da materia contagioſa, ou nos buracos, ou em qualquer outra parte menos expoſta á circulaçaõ do ar? Se o ar de hum quarto fica ſenſivelmente mais agradavel, e mais freſco depois de huma caiadura, que por aſſim dizer ſómente promove o ſeu aſſeio, quanto mais aprazivel, e ſadio ſe deve reputar depois da lavagem com huma miſtura, que por razões chimicas he antidoto de innumeraveis cauſas da corrupçaõ da ſua atmosfera? Os meſmos quartos ſe devem, além diſto, lavar frequentemente com agoa de cal, ou com vinagre, e agoa.

Quando os doentes entraõ no Hoſpital devem ſer examinados a reſpeito do aſſeio do corpo, e ao menos deve-ſe-lhes lavar a cabeça, e as pernas, e ſendo poſſivel o corpo todo, antes de entrarem na enfermaria. Os doentes porém de ſarna, mal venereo, e outras doenças deſta qualidade devem ter huma tina ſeparada, para ſe deſterrar tudo o que poſſa ſer nocivo ao ar, ou contrario ao aſſeio; os ſeus veſtidos tambem devem ſer defumados com enxofre, com o acido nitroſo, ou aceti-co, aſſim como logo ſe dirá, e depois expoſtos ao ar, e guardados em hum lugar para iſſo deſtinado.

Os doentes receberaõ roupas do Hoſpital, as quaes devem conſiſtir em mêas, camizas, (quando os enfermos nada diſſo tenhaõ) calças como as dos Marinheiros; tudo feito de bom panno de linho, a fim de ſe poder lavar quando fôr preciſo, camiſolas no Veraõ, e capote no Inverno.

A roupa çuja naõ ſe deve deixar attada toda junta; antes pelo contrario ſe deve pendurar em hum lugar lavado do ar.

O ſabaõ, as toalhas, e outras couſas neceſſarias ao aſſeio, ſaõ couſas, que nunca devem faltar.

Muitos doentes ſaõ ás vezes obrigados a ficar muito tempo de cama, a cujo reſpeito deve haver particular attençaõ. A experiencia de muitos annos tem provado a utilidade das camas de ferro: ellas naõ daõ lugar a couſa alguma, que poſſa ſer nociva, ou offenſiva; e devem ſer conſtruidas de modo, que naõ cauſem incommodo, ou inconveniencia alguma. As pennas que ás vezes ſe uſaõ no Norte para as camas, favorecem a producçaõ de inſectos, retem a materia da tranſpiraçaõ animal, e até a contagioſa; e deſta maneira ſaõ nocivas ao ar, e por conſequencia perigoſas. A experiencia nos moſtra, que as camas com palha ſaõ ſem dúvida as melhores de todas; e como a palha he taõ barata, a frequente renovaçaõ della he eſpecialmente praticavel. As pennas, e toda a qualidade de clina, ou cabello para colxões ſaõ geralmente ſuperfluas para o uſo dos Hoſpitaes; e muitas vezes damnoſas; porém huma vez introduzidas, deve-ſe conſervar a pureza natural da materia, e os meios para a conſervaçaõ das boas qualidades, que tem. As camas, cobertores, e ſe fôr poſſivel a meſma ſubſtancia com que ſaõ eſtofados, devem ſer expoſtos muitas vezes ao ar freſco em hum lugar adaptado para eſte fim, em qualquer tempo, ou eſtaçaõ do anno. As camas dos enfer-

fermos ſaõ hum objecto de muita importancia, e ás vezes até podem ſer a cauſa da depravaçaõ do ar pelo pegadiço da natureza, e influencia inevitavel das enfermidades; e pelas exhalações, que retem, cauſando aſſim doenças ainda mais perigoſas.

A todos os reſpeitos, as camas de palha nos lugares aonde dorme muita gente merecem abſoluta preferencia.

As cortinas, cobertores &c. feitos de lã, devem ſer abandonados, e preferidos os de linho, pelas meſmas razões, que alleguei contra o uſo das pennas. Cada cama deve ter ao menos tres pares de lenções, que devem ſer mudados, e lavados a miudo.

Parece naõ ſe ter empregado baſtante attençaõ a reſpeito do calor das camas no Inverno, e loucamente ſe esforçaõ em procurar calor, fechando bem os quartos; ſabendo-ſe muito bem que a circulaçaõ livre do ar, aquecendo os quartos com chaminés, e tendo veſtidos agazalhados em tempo frio, ſaõ indiſpenſaveis para conſervar, e alcançar a ſaude.

Tudo iſto, e muitas outras regras ſe pódem obſervar mui facilmente, e com muito proveito, ſeguindo as leis particulares, que para eſte fim ſe achaõ eſtabelecidas.

CAPITULO IV.

Dos remedios chymicos para purificar o ar.

ASsim como as cauſas da depravaçaõ do ar ſaõ numeroſas, os meios conhecidos para contrabalançar os ſeus effeitos, igualmente naõ ſaõ poucos.

Encaminhaõ-ſe as obſervações antecedentes a prevenir, e deſviar os males, que provém de cauſas conhecidas, e a eſte reſpeito ſe tem achado, que a circulaçaõ livre do ar, e o aſſeio ſaõ os requiſitos mais neceſſarios para eſte fim. Ainda reſta a obſervar a influencia que póde ter a propriedade chymica de alguns materiaes para melhorar o ar dos Hoſpitaes, e para deſtruir hum contagio, que infelismente tiveſſe tomado poſſe de algum delles. Ainda que os meios proveitoſos para melhorar o ar inficionado pelas exhalações animaes, as vezes pódem ſer inteiramente inſufficientes para deſtruir hum principio contagioſo.

Os meios chymicos, pelos quaes até-agora ſe tem purificado o ar, ou pelos quaes ſe tem procurado prevenir hum contagio, ſaõ pela maior parte os acidos mineraes, e vegetaes, o fumo de toda a caſta de reſina, ou madeira, e plantas aromaticas &c.

Eu vou analyſallos, e moſtrar as boas, e más qualidades de cada hum delles taõ exacta, e brevemente, quanto me fôr poſſivel.

Dos

Dos acidos mineraes.

Os acidos mineraes, eſpecialmente em fórma de vapôr, e as differentes eſpecies de gaz, que delles ſahem, ſaõ talvez, á reſerva do fogo, os agentes mais energicos da natureza. Sabe-ſe, que entre outras, elles tem huma grande virtude contra a podridaõ. Se por conſequencia a febre podre, a febre do Hoſpital, ou de prizões provém de huma materia podre, nós podemos directamente tirar por concluſaõ, que os acidos, e principalmente os acidos mineraes teraõ por ſua natureza aſſaz energía para deſtruilla. Por iſſo nós devemos examinar eſtes acidos, e vêr ſe a experiencia confirma o raciocinio.

Parece provavel, que os acidos mineraes tem a virtude de deſtruir qualquer contagio; mas a noſſa experiencia naõ he ſufficiente para determinar a ſua vantagem, ou deſavantagem relativa.

O acido volatil ſulfureo producto do enxofre que ſe queima, e que ſe tem empregado muitas vezes para eſte fim, tem-ſe moſtrado por experiencia ſer aſſaz energico para curar hum miaſma; mas pela ſua qualidade venenoſa, e ſuffocativa, elle vem a ſer inimigo da vida; por cuja razaõ naõ devemos uſar delle ſenaõ em lugares aonde naõ exiſtaõ outros enfermos, nem em caſas particulares; todavia ſempre he hum poderoſo eſpecifico para qualquer contagio; e por iſſo uſaremos delle para defumar os veſtidos, os moveis, ou roupas &c.

Os

Os maravilhoſos effeitos do acido muriatico, em razaõ das utilidades, que delle ſe tem tirado, tem merecido em França os maiores elogios. O cidadaõ *Guiton* no anno de 1773 o empregou felismente na Cathedral de Dijon, abandonada por motivo das peſtilentes evaporações dos mortos, que ahi ſe haviaõ enterrado. Os vapores do acido muriatico, depois de deſenvolvidos pelo acido vitriolico, eſpalhaõ-ſe na atmoſfera, e purificaõ o ar.

A maneira de purificar o ar corrompido de huma ſalla, que contém quarenta até cincoenta camas, e de que uſaõ os Francezes, he a ſeguinte:

Primeiramente conduzem-ſe os doentes a outra ſalla vazia (1), fechaõ-ſe todas as portas, e janellas; poem-ſe no meio hum fogaõ com hum vaſo meio de cinza fina, ſobre a qual ſe poem huma vazilha de vidro, aonde ſe lançaõ dez onças de ſal commum (*muriate de ſoude*) com meia onça de agoa; accende-ſe o lume no fogaõ (2), e depois que o vaſo tiver aquecido, ſe lhe lan-

(1) Quando ſe quer purificar huma ſalla com eſte acido em maior quantidade, he indiſpenſavelmente preciſo deſpejalla primeiro de todos os doentes; e he a razaõ por que devem haver ſempre huma, ou mais ſallas vagas nos Hoſpitaes. Eſte remedio reveſte-ſe por conſequencia de taes circumſtancias, que ſe naõ póde uſar delle com proveito em todas as ſituações.

(2) Nos climas quentes, aonde ſe deſconhece o uſo dos fogões, póde-ſe aquecer o vaſo em cinza, ou arêa quente por meio de hum candieiro acceſo com eſpirito de vinho, ou ſeguir-ſe o methodo que daremos, fallando do acido nitroſo.

lançaõ quatro onças do acido vitriolico, e em breve tempo o acido muriatico começa a converter-ſe em vapores. O chymico que fizer eſta operaçaõ deve retirar-ſe muito depreſſa, fechando a porta, e guardando a chave da ſalla. Doze horas depois entra-ſe nellas para ſe renovar o ar.

Póde-ſe praticar tambem eſte methodo, fazendo uſo deſte acido meſmo nas ſallas aonde eſtiverem os doentes; porém entaõ naõ ſe emprega mais que a terça parte da dita miſtura; e corre-ſe todo o Hoſpital com o perfumador na maõ; e apenas o acido começar a desfazer-ſe em vapores, depois que as ſallas eſtiverem bem defumadas, por-ſe-ha o reſto da miſtura nas latrinas, para ahi corrigir tambem o gaz podre ammoniacal. Tudo iſto ſe póde fazer ſem o minimo incommodo dos enfermos; e he baſtante para conſervar hum ar bem ſadio. Eſte remedio póde repetir-ſe huma, ou muitas vezes no dia, eſpecialmente nas enfermarias, aonde ha malignas, que ſempre exhalaõ miaſmas peſtiferos.

Quando ſe preciſar de hum prompto ſoccorro, pode-ſe levar pelas ſallas o eſpirito de ſal marinho, conduzindo-o pelos quartos, ou ſe eſte naõ fôr baſtantemente forte, póde-ſe deſenvolver o eſpirito em maior quantidade, aquecendo-o.

E porque naõ haveremos nós de preferir eſte methodo util aos perfumes, que nada valem?

Tambem cumpre que os Medicos vigiem ſobre o eſtado dos doentes immediatamente anterior a eſta ope-

ra-

raçaõ, para que quando a ſalla eſtiver cheia deſte gaz, elles poſſaõ julgar com mais certeza da mudança, que ſe obſerva nos meſmos doentes, a fim de chegarem ao eſpecial conhecimento do que ſe deve attribuir aos vapores apodrecidos, e ás evaporações do ar artificial.

Os Cirurgiões devem acautellar-ſe de naõ deixar ſeus inſtrumentos na ſalla defumada com o acido muriatico; porque os vapores damnificaráõ os ferros evidentemente.

Os Boticarios, para nada ſe perder, devem approveitar o que fica no vaſo, que vem a ſer o alkali mineral vitriolado, ou ſal mirab. Glauberi.

Nos noſſos tempos ſe tem applicado grande attençaõ á Chymica, e principalmente aos gazes; de tal ſorte, que eſtes meſmos ſe tem empregado como remedios externos, e internos. Entre outros tem-ſe applicado externamente ás chagas gangrenoſas o acido muriatico oxygenado, do qual tambem ſe fez uſo em forma de gaz, como hum remedio ſuperior, e proprio para anniquilar os contagios em Hoſpitaes. Eu quero ſómente apontar aqui o methodo de o preparar pelo modo mais facil para eſte fim (1); porém deve, ſegundo o meu parecer, dar-ſe a pre-

(1) A quem eſte objecto intereſſar mais, pode achar maiores informações nos:

Annales de Chimie N.° 86, e 87.

Philoſophical tranſactions vol. 80.

Dr. Rollos treatiſe on the diabetes melitus.

James Carmichael Smyth on the effect of the nitrous vapour in preventing, & deſtroying contagion, Lond. 1799.

Lavoiſier. Fourcroy &c. &c.

preferencia a muitos outros methodos, que já apontei, e que ainda apontarei.

O methodo, que ſe deve preferir para obter os vapores do acido em queſtaõ, he o ſeguinte:

Miſturem-ſe exactamente duas partes de ſal ordinario, e huma de manganeſia cryſtalliſada em pó: lancem-ſe duas onças de agoa, e depois ainda, mas pouco a pouco, onça e meia de acido vitriolico concentrado, de modo que ſucceſſivamente ſe chegue a alcançar o gaz do acido muriatico oxygenado. A porçaõ, que ſe obtem da quantidade acima eſpecificada he ſufficiente para hum quarto, que contenha cinco até ſeis camas. He preciſo obſervar ainda, que eſtes vapores ſaõ muitiſſimo contrarios á reſpiraçaõ; e por iſſo naõ podem ſer applicados na preſença de peſſoas.

Do acido nitroſo.

Será por ventura o acido nitroſo em fórma de vapor mais vantajoſo, do que o acido vitriolico? Será elle mais, ou menos nocivo á reſpiraçaõ, do que o acido muriatico, e ſerá baſtantemente efficaz para deſtruir hum contagio?

O Doutor Smyth foi o primeiro, que propoz eſta queſtaõ, e por meio de varias, e repetidas experiencias provou, que os vapores do acido nitroſo, em grande quantidade, ſem perigo, e meſmo ſem o minimo inconveniente podem ſer empregados com todo o proveito para deſtruir os effeitos contagioſos.

Hum facto de tanta conſequencia para a humanidade, como he a utilidade do acido nitroſo, merece huma publicidade a mais prompta, e ſería até hum objecto digno de huma ſábia legislaçaõ, e eſcrupuloſa adminiſtraçaõ de policia penſar nos meios mais efficazes para inculcar a ſua acceitaçaõ nos lugares, aonde hum contagio exerce o ſeu poder nocivo. Eu tenho muita ſatisfacçaõ em ſer talvez o primeiro, que o tenha lembrado, ou propoſto o uſo prático deſta intereſſante deſcoberta neſte Paiz.

O D.or Smyth, o qual parece ſer o primeiro, que empregou o acido nitroſo para eſte fim, o applicou em duas differentes fórmas, ou no eſpirito do acido nitroſo, ou no vapor decompoſto da miſtura do nitro com o acido vitriolico. Elle o uſou de ambos os modos durante 16 até 17 annos, e chegou a vêr os mais felizes effeitos para impedir que hum contagio ſe eſpalhaſſe mais. O contagio das febres mais contagioſas, e podres parou de repente pelo uſo dos perfumadores com eſpirito nitroſo, poſtos por entre as camas dos doentes contagioſos, e por eſte modo naõ ſe eſpalhou mais o contagio.

O acido nitroſo naõ produz inconveniente algum á reſpiraçaõ; e como a experiencia tem moſtrado ter força baſtante para impedir, que as malignas ſe propaguem; aſſim, parece ſer eſte hum antidoto em todas as occaſiões, em que ſe preciſar melhoramento no ar, até na preſença dos enfermos, e das peſſoas aſſiſtentes. Em

pri-

prisões, manufacturas, fábricas &c., assim como em todos os quartos vasios, deve, para purificar o ar, ser preferido o acido nitroso, ao acido vitriolico; posto que sejaõ considerados igualmente efficazes. O vapor do acido nitroso he mais volatil, e penetrante, e naõ deixa cheiro desagradavel como o acido sulfurico.

O methodo para se conseguir o acido nitroso em vapor, he muito simples. Consiste este na decomposiçaõ do nitro pelo soccorro do oleo vitriolico quente, o que se pratica do modo seguinte:

Lançe-se meia onça de oleo vitriolico n'hum copo, ou n'huma tigella, ou qualquer outro vaso, que naõ seja de metal, aqueça-se sobre huma luz, ou em arêa quente, e se lhe lance dentro de quando em quando algum salitre.

Estes vasos deveriaõ estar affastados hum do outro 20 até 30 pés, conforme a altura do quarto, e a força do contagio, e mexidos com cannudo de vidro. (O resto da mistura, que fica ultimamente he o tartaro vitriolado, ou *sulfate de potasse*).

Em Hospitaes, prisões &c. se podem pôr os vasos, que contém arêa quente, mesmo no quarto; mas a bordo de náos será melhor pendurallos no tecto com cordões encerados.

Já que o perfume deste acido envolve taõ poucos inconvenientes, já que o methodo he taõ simples, e os materiaes taõ baratos, dever-se-hia usar providencialmente em todos os navios de transporte, nos Hospitaes &c.,

e havendo a minima apparencia de contagio, o perfume deveria fazer-ſe com mais frequencia, e aſſiduidade, perfumando-ſe as camas, e macas de todos os doentes, que ſoffreſſem moleſtia contagioſa. Uſando deſtas cautelas poderiaõ evitar-ſe muitas calamidades, e fazer ceſſar a origem das mais laſtimoſas, que atégora ſobrevieraõ ao genero humano.

Muitos outros Medicos Inglezes tem obſervado igual effeito neſte acido. Hum dos meſmos diz, que depois da primeira vez, que ſe perfumou o Hoſpital, e mais ainda depois da ſegunda, ſe obſervou o ar purificado, e livre de qualquer cheiro de podridaõ, e a inteira deſtruiçaõ do cheiro originado das exhalações animaes, ou de outra materia podre.

Do acido vegetal.

Em differentes Hoſpitaes, e Caſas particulares, tem-ſe dado preferencia entre outras muitas ſubſtancias ao vinagre (*acide acetique*); applica-ſe quaſi ſempre ſobre hum ferro em braza, para melhorar o cheiro, e corrigir a podridaõ contagioſa, que ſe acha eſpalhada na atmosfera. Com tudo julga-ſe naõ ſer o vinagre baſtantemente forte para desfazer qualquer contagio.

O ſeu vapor extrahido pelo calor do lume, ou de outra qualquer maneira, contém huma grande porçaõ de agoa; e por iſſo naõ ſe póde miſturar com o ar em eſtado concentrado: porém o vinagre diſtillado ſempre eſpalha o acido vegetal concentrado; e poſto que naõ

ſe-

ſeja baſtantemente energico para affugentar hum contagio, com tudo ſempre ſerá de grande utilidade para ſervir de perfume.

He pena que naõ hajaõ experimentos ſufficientes para determinar o gráo da força deſte acido vegetal, em comparaçaõ do acido mineral contra hum contagio; e por eſta cauſa ſería preciſo empregallo com o meſmo methodo, e nas meſmas circumſtancias que o outro. Eu ví applicar o acido acetico com muita utilidade nos Hoſpitaes de Londres pelo uſo do alcali acetato, miſturado com o acido vitriolico da meſma maneira que os outros acidos. A miſtura ſepara no meſmo inſtante o acido acetico da ſua baſe alcalina, a qual ſe moſtra pungente, e refrigerante em hum gráo ainda maior que os acidos mineraes. Por felicidade naõ ſe tem offerecido ainda huma opportunidade para provar o effeito deſte acido vegetal produzido deſte modo contra hum contagio podre: mas pelo que ſe póde julgar de ante-maõ das obſervaçõeſ comparadas com o acido mineral; elle tem igual força para corrigir o ar corrompido pela gangrena, chagas podres &c.

Á entrada da noite quando as portas, e as janellas eſtaõ bem fechadas, e quando os vapores nocivos ſe exhalaõ em maior abundancia, parece ſer o tempo mais proprio para empregar os correctivos do ar; e ſendo as ſallas dos doentes perfumadas de noite com acido acetico, da maneira já mencionada, todo o Hoſpital conſervará o cheiro delle na manhã ſeguinte; o

que

que prova claramente, que as ſuas forças ſaõ ſuperiores ás dos vapores antecedentes.

Conſiderando a virtude do vinagre para corrigir a má condicçaõ do ar; a ſua indole, e bom effeito nas chagas podres he mui natural, e ſe tem já manifeſtado pela experiencia de muitos annos.

Com tudo a utilidade do vinagre na intençaõ geral para melhorar o ar, ſó por ſi, ou combinado com aromaticos, como alcanfor &c. empregado, ou em vapor, ou qualquer outra maneira, naõ ſe póde conteſtar.

A experiencia de muitos annos, e a analogia geral da ſua natureza depõe em ſeu favor. Para perfumar a roupa, os veſtidos &c. eſte acido tambem he mui proveitoſo.

He para laſtimar que o D.or Smyth falle ſó da utilidade dos acidos mineraes, ſem ter experimentado igualmente a do acido acetico.

Dos perfumes.

Todo o fumo aromatico de incenſo, reſinas, e páos odoriferos, hervas aromaticas &c. naõ tem a força maravilhoſa, que ſe lhes tem attribuido. Em quanto ſe queimaõ diminue-ſe o ar vital, e depois fica imprenhado de novas particulas nocivas: o ar aſſim reſpirado pelos doentes lhes póde dar occaſiaõ a deſordens particulares na economia animal. O fumo naõ melhora o ar, mas ſó o engroſſa com novos vapores tambem nocivos, e envolve o máo cheiro ſem o deſtruir, e pelas qualidades

des quentes, que contém, augmenta algumas vezes a circulaçaõ do ſangue, cauſa toſſe &c. Todos os perfumes ſaõ máos, e todos os outros meios correctivos do ar ſe lhes devem preferir.

Os remedios que melhoraõ o ar pela exploſaõ do nitro, ou da polvora queimada &c. naõ tem effeito ſenaõ mechanicamente, ſaõ momentaneos, e naõ ſe póde contar muito com a ſua efficacia.

No tempo preſente como ſe faz tambem applicaçaõ das ſciencias chimicas, á quantidade cada vez maior das noſſas exigencias eſſenciaes; e como chegáraõ a hum ponto, que nos he igualmente facil analyſar aſſim o ar, como outros fluidos, e que ſe póde determinar a miſtura deſte, e dar-ſe-lhe as qualidades eſpecificas preciſas para a conſervaçaõ da vida; naõ podemos recommendar baſtante cautela ás peſſoas da Faculdade, como a outros aſſiſtentes, para que examinem de tempo em tempo o eſtado do ar eſpalhado pelas ſallas dos Hoſpitaes.

Eſte experimento naõ he difficil: baſta ſómente entrar na ſalla com duas garrafas, das quaes huma eſteja cheia de agoa pura, e a outra de agoa de cal: vaſa-ſe a primeira no lugar aonde ſe quer examinar o ar, lança-ſe entaõ metade da outra na primeira: tapa-ſe com todo o cuidado, e ſacode-ſe bem, e entaõ o gráo da quantidade da precipitaçaõ da cal, que ſe ſegue, e a brevidade com que ſe precipita nos moſtra o gráo da neceſſidade, e urgencia dos antidotos: pois he provavel, conforme o conhecimento, que temos das differen-

tes

tes qualidades do ar, que nas ſallas, que ſe conſideraõ pouco ſadias, o ar meſitico ſempre eſtá combinado com huma grande quantidade de acido carbonico : e já que a agoa de cal he o remedio mais economico, e ſeguro de purificar o ar do acido carbonico ; e como tambem eſte acido he tanto mais perigoſo, quanto mais o ſeu peſo ſe accumula nas regiões mais baixas das ſallas; por tanto convinha conſervar nas enfermarias alguidares cheios de agoa de cal, (daquella meſma, que ſe uſa geralmente para caiar) e a brevidade com que ſobre eſta ſe fórma huma codea, he o melhor *Eudiometro* para conhecer a preſença do acido carbonico no ar.

Tenho mencionado tantos, e taõ differentes modos de purificar o ar, por eſtar bem perſuadido, que naõ ſe poderáõ imaginar armas defenſivas aſſaz poderoſas contra hum inimigo taõ vigoroſo; e porque todos os remedios naõ ſaõ igualmente efficazes, e applicaveis em todas as occaſiões.

CAPITULO V.

Da Dieta.

O Ar puro, e todo o aſſeio, e commodo das caſas, das roupas, juntamente toda a aſſiſtencia dos remedios, Medicos, e Cirurgiões &c., naõ ſe podem ainda julgar ſufficientes para reſtaurar a boa ſaude, e conſervar a vida, ſenaõ houver baſtante cuidado a reſpeito da dieta.

Com-

Commettendo-ſe continuamente muitos erros eſſenciaes a reſpeito da eſcolha do alimento dos doentes, e ſendo eſte hum dos principaes objectos donde depende a ſua melhora, eu me affaſtaria da minha intençaõ neſtas obſervações, ſenaõ appontaſſe algumas noções preliminares da economia natural, relativas á conſervaçaõ do corpo humano.

Sempre ha differentes materias ſeparadas do ſangue pelas arterias da pelle, dos bofes, do canal inteſtinal, e das outras partes, que continuamente preciſaõ ſer ſuppridas, com as que ſervem ás urgencias do coraçaõ, e dos vaſos ſanguiferos.

O corpo nutre-ſe de duas fontes externas.

1.° Do ar, pela acçaõ dos vaſos abſorventes da pelle, e dos bofes:

2.° De tudo o que pertence á dieta pela meſma acçaõ dos vaſos abſorventes que ſe achaõ no eſtomago, e nos inteſtinos.

Havendo ſómente eſtes dous caminhos externos para ſupprir as faltas da economia animal, qualquer liquido, que ſe ache em algum lugar do corpo, deve ter ſido originalmente parte conſtituinte de hum deſtes meios. Achando-ſe pois agoa, terra, ar, oleo, grude, ſal, &c. nas partes fluidas, e ſólidas do corpo, todas eſtas ſubſtancias ſe podem conſiderar, como ingredientes do nutrimento: e iſſo he taõ inconteſtavel, que ſe os vaſos do corpo naõ podeſſem receber eſtas differentes partes do ar, e do nutrimento na proporçaõ conveniente, neſte

caſo ſe geraria ſempre alguma enfermidade. Mas porque o oleo, e o grude conſtituem a parte mais conſideravel do corpo humano, as materias, que tem maior abundancia deſtes, ſaõ geralmente conſideradas como as mais ſubſtanciaes, ſem fazer menção da agoa, e da terra, as quaes ſaõ igualmente neceſſarias na ſua proporçaõ. Para tudo o que entra no eſtomago he indiſpenſavel a acçaõ deſte orgaõ; aſſim como de todos os outros para digerir os alimentos convenientemente. Por eſta razaõ muitas couſas parecem naõ ſer em ſi ſubſtanciaes; mas com tudo ſaõ proprias para a dieta, eſtimulando, e conſervando a acçaõ do eſtomago, em virtude da ſua qualidade de ſeparar, e modificar as partes mais nutritivas, e fazellas por eſta maneira aptas para a digeſtaõ. Por eſte modo podem ſer uteis o ſal, os adubos, e couſas eſpirituoſas para melhorar as materias indigeſtas, de que ſe compoem alguns alimentos.

Em geral naõ ſe encontraõ duas peſſoas ſemelhantes em tudo, e a organizaçaõ de qualquer creatura he de algum modo particularmente modificada por hum coſtume habitual.

O modo de viver das peſſoas em differentes eſtados, he hum aggregado das conſequencias de multidaõ de habitos inveterados; da educaçaõ, do genio, do temperamento, da occupaçaõ &c. O que tudo tem tanta influencia ſobre a noſſa natureza, que ſe naõ póde fazer a menor alteraçaõ ſem difficuldade, e perigo; nem ha filoſofia, que baſte para determinar com acerto por

prin-

principios geraes os effeitos da uniaõ de materias de differentes qualidades. A experiencia neſte caſo he ſó a guia unica, que póde haver. Quando qualquer doença, ou urgencia requer a noſſa deciſaõ, a ſua eſcola he o noſſo recurſo mais ſeguro: as obſervações, que ella fornece combinadas com aquellas que nos offerece a natureza individual da peſſoa que tratamos, ſaõ a verdadeira regra da noſſa conducta para com os noſſos enfermos.

Muitos objectos relativos á dieta podem ſer mui proveitoſos por huma parte, e mui damnoſos pela outra: ex. gr. Ha doenças, nas quaes o uſo do vinho he indiſpenſavel, e em tal caſo a ſua bondade, e pureza merece toda a attençaõ, porque ſendo o vinho máo, e naõ tendo toda a pureza neceſſaria, pode-ſe conſiderar como veneno em lugar de remedio proveitoſo (1).

Com tudo as agoas ardentes em muitas occaſiões podem ſer momentaneamente proveitoſas; porém bem poucas vezes deveraõ ſer empregadas em lugar do vinho, ainda que a ſua força ſeja diminuida de qualquer modo.

Preciſa-ſe com tudo de maior cautella para ſe naõ abuſar da virtude do vinho, e das agoas ardentes; e tambem ſe deve reparar, que os doentes, para os quaes o vinho eſtá deſtinado, naõ ſejaõ privados delle pelos

(1) Sobre a realidade, e pureza do vinho ſe deve empregar muita attençaõ; porque em alguns Paizes he muitas vezes falſificado com chumbo, e arſenico para ſe lhe dar boa côr.

enfermeiros, ou criados, que ás vezes saõ inclinados a bebidas eſpirituoſas.

Nenhuma peſſoa, que vem viſitar os enfermos, nem os enfermeiros deveria dar vinho, ou agoas ardentes aos enfermos, ſenaõ conforme ao preceito do Medico, ou Cirurgiaõ. As leis particulares de qualquer Hoſpital devem prevenir eſte abuſo do melhor modo poſſivel.

O leite he muitas vezes miſturado com agoa, e outros ingredientes: ſe ſe conſidera a importancia deſte ponto para o uſo interno, e externo naõ podemos deixar de admirar, que eſtas Inſtituiçõeſ beneficas naõ ſuſtentem huma, ou mais vaccas: e onde iſſo ſe naõ póde praticar deveria haver huma peſſoa de confiança deſtinanada para vêr mugir o leite, e fazello levar logo ao Hoſpital. Tomando ſemelhantes medidas rigoroſamente de quando em quando, facilmente ſe poderia averiguar a bondade do leite, e os que o vendem ao Hoſpital temeriaõ falſificallo.

Como os doentes mais perigoſos quaſi ſempre tem faſtio, pode-ſe poupar muito na dieta ſem prejuizo algum do enfermo. Huma comida ſimples, e ſubſtancial he mais proveitoſa do que qualquer compoſiçaõ, além diſto mais cara: frutas ſeccas cozidas, arroz, cevadinha, tapioca, panadas, caldos, e ſopas ſaõ comidas ſimples, bem ſadias, e nutritivas para doentes.

A agoa panada com pouco ſummo de limaõ, e aſſucar he a melhor bebida nas febres, o melhor refreſco, mais barato, igualmente bom, ou ainda melhor, que o ſoro de leite.

Por

Por alimento naõ ſe deve uſar conſtantemente de caldos de gallinha, por ſer huma deſpeza enorme, e naõ aproveitar ao doente: carneiro, vitella, alguma fruta cozida, e outras hortaliças, que offerece a eſtaçaõ do anno, podem uſar-ſe alternadamente, e com grande utilidade.

Sobre tudo (o que naõ ſe pode repetir demaſiado) nada aproveita mais ao doente do que o bom ar, que equivale a tudo o mais.

Os limões, as laranjas, e outras frutas ſaudaveis deveriaõ ſer igualmente empregadas em quantidade ſufficiente.

O effeito da agoa freſca para a boa ſaude he muito grande, e he a parte principal da dieta, que lhe diz reſpeito, e por iſſo merece particular attençaõ.

Perto de cada Hoſpital deveriaõ haver fontes com bombas, e canos, por cujo meio a agoa foſſe conduzida a hum receptaculo, donde ſe diſtribuiria para todos os quartos dos doentes. Por eſta maneira os doentes ſempre ſe podem refreſcar a todas as horas pelo beneficio de huma bebida pura, e freſca, em lugar daquella, que eſtá conſervada com toda a eſpecie de impuridade nos barris, e potes de barro, a qual já eſtá ſujeita a apodrecer, e a adquirir com facilidade outras más qualidades; além deſtas, ſempre he preciſo huma quantidade de agoa freſca em hum Hoſpital para lavagens, e limpezas, e para iſto baſtaria agoa do poço.

A carne ſalgada, e fumada, aſſim como carne de

por-

porco, peixes ſalgados &c. deveriaõ ſer prohibidos nos Hoſpitaes.

O queijo naõ pertence á dieta dos doentes, nem dos convaleſcentes; e conforme as circunſtancias devem-ſe fazer leis particulares a reſpeito da dieta do Hoſpital.

Toda a carne, que ſe come deve ſer de gado ſaõ, bem ſangrado, e de boas qualidades, para que naõ contenha partes ſujeitas á podridaõ.

O paõ he igualmente hum ponto principal, a que ſe deve attender. Nos Hoſpitaes Militares o pobre ſoldado doente he muitas vezes obrigado a comer paõ de muniçaõ, mal preparado, e mal cozido, o que ſe devia remediar.

Com tudo o Medico, ou Cirurgiaõ deveria preſcrever a cada doente a ſua dieta em particular. Como porém he impoſſivel demorar-ſe muito tempo com hum ſó doente, aonde ha centos, ſempre ſeria conveniente, que entraſſem no regulamento dos Hoſpitaes os preceitos, que expliquem circumſtanciadamente o ſentido de certos termos dieteticos geraes, e breves: v. gr. pela boa dieta, que o Medico preſcreve ſe entende, que o doente deve comer carne, e todas as qualidades de comidas nutritivas, que deve beber vinho &c.: dieta rigoroſa he huma modificaçaõ da primeira: dieta antiphlogiſtica conſiſte em ſopas ſimplices, em abſtinencia de carne, e vinho, em frutas, cevadinha, &c. em bebidas acidas, como limões, laranjas &c. Além diſto os doentes deveriaõ ter regula-

men-

mente todos os dias a horas certas o almoço, jantar, e ceia, conforme o que o Medico mandaſſe.

Os Medicos, e Cirurgiões, e todos os Inſpectores, e Directores, deveriaõ ás vezes inquirir ao tempo da comida, ſe eſta he bem preparada, aſſeada, e goſtoſa, e para eſte fim ſerá preciſo muitas vezes provalla, para melhor julgar, e fazer os ſerventes da cozinha reſponſaveis no caſo de algum deſcuido, ou contravençaõ.

CAPITULO VI.

Da Economia.

TOda a Economia ſe reduz á compra dos objectos neceſſarios com a minima deſpeza poſſivel, e na prevençaõ de qualquer deſneceſſario deſperdiço.

A nenhum dos Inſpectores, Directores, Enfermeiros &c. ſe dará licença de comprar traſte algum para ſeu uſo particular, debaixo do pretexto da utilidade do Inſtituto. Tudo o que ſe comprar por conta do Hoſpital, ou ſobre o ſeu credito deve ſer em beneficio delle.

Os quintaes, ou hortas adjacentes ao Hoſpital, em todo o eſpaço, que naõ fôr preciſo para paſſeio dos doentes, e convalecentes, ou para qualquer outro uſo, devem ſer plantados com hortaliças uteis para o alimento dos doentes, ou com hervas uteis para o uſo da Botica &c., e em tudo deve reinar a melhor ordem.

Naõ ha nada, que dê provas mais ignominioſas de

per-

preguiça, e desarranjo, do que a falta de asseio em tudo o que pertence ao Hospital. Por esta razaõ a quinta sempre deverá estar mondada de toda a herva ruim, lixo, ou entulho: as varreduras, despejos dos ourinões, e tudo que se lançar fóra dos quartos jámais deve estar á vista; pois que a apparencia exterior he justo que corresponda com o asseio, que hum benevolo curioso deseja achar no interior.

A economia interna exige a uniaõ unanime das vigilancias dos Administradores, Medicos, Cirurgiões, Enfermeiros &c. He preciso tomar toda a cautella, para que cada hum observe a sua respectiva obrigaçaõ; e da conducta dos subalternos, e da fiel execuçaõ do que se lhes prescreve, devem ser responsaveis os mesmos Directores. O bom succesſo, e proveito de huma tal Instituiçaõ depende absolutamente do zelo, e da fidelidade destas pessoas.

Nos casos onde se podem empregar mulheres com mais acerto nos trabalhos pertencentes á economia interna, ellas devem ser preferidas, incumbindo-se-lhes o officio de enfermeiras, o serviço da cozinha, &c.

Os Directores dos Hospitaes, que tem a seu cargo a distribuçaõ de grandes sommas, tem tambem grande responsabilidade; e por isto devem vêr como empregaõ o capital, e consultar em muitas occasiões como haõ de melhorar a Instituiçaõ, e augmentar a intençaõ caritativa dos Fundadores.

Seria melhor, a este respeito, que em lugar da adminis-

miniſtraçaõ dos Hoſpitaes grandes, o Governo inſtituiſſe hoſpicios ſeparados em ſitios bem expoſtos ao ar, fóra da cidade, a fim de allí receberem as differentes qualidades de doentes, para os quaes o deſcanſo, eſpaço, e bom ar he o requiſito principal; aſſim como para aquelles que ſe julgaõ incuraveis.

Ha muitos Eſtabelecimentos de Hoſpitaes, nos quaes ha dias fixos para os enfermos receberem viſitas dos ſeus parentes, e amigos, e a obſervaçaõ deſta lei póde ſer favoravel á conſervaçaõ de huma certa ordem, e prevenir o abuſo de huma licença illimitada; mas qualquer amigo da humanidade, penſando ſobre eſte objecto, certamente naõ vedará o acceſſo, a quem por obrigaçaõ, attençaõ, ou amizade for conduzido ás portas de hum Hoſpital. Deveráõ os Pays ſer privados da ſatisfaçaõ de vêr os ſeus filhos, por quem na infeliz ſituaçaõ da doença ſentem mais que nunca a maior ternura? Deve hum filho ſer privado da aſſiſtencia de ſeus Pays? Naõ he cruel defender a entrada aos filhos, na incerteza das circumſtancias em que ſe achaõ ſeus Pays? Naõ deveriaõ ter os doentes licença de ter communicaçaõ com os que eſtaõ diſpoſtos a alliviar a afflicçaõ do ſeu coraçaõ, e que remedeiaõ o embaraço, e confuſaõ da ſua familia infeliz? Deve-ſe-lhes negar o ultimo adeos? a derradeira deſpedida?

Pelo contrario em qualquer Hoſpital deveria reſidir huma peſſoa taõ diſcreta e circumſpecta, como caritativa e officioſa, para ter a inſpecçaõ ſobre as viſitas;

que ſe fazem aos doentes. Eſte emprego porém naõ póde ſer confiado a peſſoas inſenſiveis, mal inſtruidas, apaixonadas, e mercenarias.

Cumpre pois haver cuidado particular, em que os doentes naõ recebaõ dos amigos, que os viſitaõ, couſa alguma, que poſſa ſer nociva, v. gr. liquores eſpirituoſos &c.

Qualquer doente, ou convalecente naõ deve ſahir do Hoſpital ſem licença do Medico, nem ainda de huma ſalla para outra, principalmente aonde ha doenças contagioſas.

O receber dinheiro dos doentes, ou o valor delle por qualquer motivo que ſeja, deve abſolutamente ſer prohibido nos Hoſpitaes: eſta acçaõ he taõ cruel, como ſe ſe pediſſe dinheiro a hum pobre devedor, quando elle ſe acha na maior neceſſidade, ſuſpirando por hum bocado de paõ para ſuſtento de ſua deſgraçada familia. Naõ fariaõ os enfermeiros, e criados (ſe iſto foſſe permittido) todo o poſſivel para receberem dinheiro? E naõ ſeriaõ inclinados a tratar com indifferença aquelles que naõ foſſem capazes de comprar os ſeus favores? Naõ haveria muitos que por intereſſe fariaõ toda a diligencia, para que os doentes infelizes, que naõ tem nada, ſahiſſem do Hoſpital na eſperança de hum ganho mais conſideravel para o futuro? Os amigos dos doentes deveriaõ penſar niſto, e naõ ſoffrer, que aquelles, que ſaõ empregados para exercer a caridade, a anniquilem nas ſuas mãos, e deſtruaõ as intenções da piedade.

Aos

Aos enfermeiros, e criados dos Hoſpitaes ſe deve conceder hum ſoldo fixo pelo ſeu trabalho, de maneira que naõ dependaõ de modo algum das peſſoas doentes que eſtaõ no Hoſpital.

De muitas outras obſervações, e regras, eu ſómente apontarei algumas.

Os homens devem abſolutamente eſtar ſeparados das mulheres; e o meſmo quintal para paſſearem os convaleſcentes, deve ſer ſeparado para cada ſexo.

Os doentes com febre nunca devem eſtar accumulados, nem no meſmo quarto com os que tem moleſtias pertencentes á Cirurgia.

Os quartos, e toda a caſa deve ſer bem illuminada de noite, e ſobre todos os candieiros deveria haver hum tubo em fórma de funil para conduzir os vapores, que podem ſer nocivos aos doentes fóra dos quartos.

Todas as deſpezas deſneceſſarias devem ſer evitadas; porém os traſtes abſolutamente neceſſarios naõ devem faltar, v. gr.

Deve haver hum bom commodo para tomar banhos quentes, e frios; tomando bem ſentido, que os doentes, que tem ſarna, mal venereo &c. naõ entrem nos meſmos banhos dos outros.

Devem haver muitas cadeiras de retrete, e bem fechadas. Todos os enfermos, principalmente os de moleſtias pegadiças devem ter a ſua propria, para que os outros naõ ſejaõ expoſtos ao perigo de ſer inficionados pelo uſo commum das meſmas.

He incrivel quanto ſe pecca a reſpeito das cadeiras de retrete! Como póde o ar ſer ſaudavel, quando cada doente tem a ſua bacia, que naõ he limpa ſenaõ cada ſeis, ou oito dias; ou quando eſtá cheia?

Deve haver o maior cuidado, em que eſtas ſejaõ lavadas todos os dias, para impedir, que os vapores podres empeſtem o ar, e cauſem por iſſo maiores eſtragos.

Eu fiquei paſmado de vêr em hum grande Hoſpital os boyões mal, ou de todo deſtapados, e aſſim meſmo poſtos debaixo das camas, de modo que todas eſtavaõ infallivelmente inficionadas. Eſta negligencia dos Enfermeiros he a origem de immenſas doenças, e a fonte de huma apreſſada morte a muitas peſſoas.

Todos os doentes que eſcarraõ muito, deveriaõ ter huma caixa de páo, ou folha de Flandres cheia de arêa para receber os eſcarros, e evitar que o quarto naõ eſteja ſujo, e coberto de huma materia, que póde ſer nociva, ficando muito tempo no pavimento.

Quando ſe uſaõ panellas de cobre para a cozinha, ſempre ſe deve inquirir de quando em quando, ſe eſtaõ ainda baſtantemente eſtanhadas; para que o cobre deſcoberto naõ dê huma qualidade mortal ás comidas. O melhor de tudo ſería cozinhar-ſe em vaſos de ferro, ou barro. As comidas, que ſobejaõ dos doentes para ſe comerem frias, naõ devem ſer guardadas em vaſos de cobre pela meſma razaõ, e nunca ſe deve aquecer a comida, ou qualquer outra couſa em hum fogareiro no meſmo quarto, como ví fazer, porque o carvaõ ſempre

pre exhala hum ar meſitico; mas devem-ſe uſar fogões, ou chaminés, aſſim como mencionei acima.

Os quartos devem-ſe varrer todos os dias.

Senaõ houver Botica no Hoſpital, ou mui perto delle, neſte caſo he preciſo ter hum armario para medicamentos; os quaes muitas vezes ſaõ preciſos inſtantaneamente, v. gr. Tartaro emetico, opio, huma ſiringa &c.

Tambem deve ter cada Hoſpital todos os inſtrumentos cirurgicos neceſſarios, ſendo impoſſivel, que os Cirurgiões ſempre os tenhaõ promptos em caſo fortuito, ou operaçaõ, quando ſe acha huma circumſtancia em que ninguem póde prevêr a neceſſidade de outros inſtrumentos, dos quaes depende a vida do enfermo, quando naõ eſtaõ á maõ.

Como eu ſempre contemplo os Hoſpitaes como huma eſcola da arte de curar, aonde ſe deve praticar tudo o que póde dar alguma inſtrucçaõ aos Praticantes, e Diſcipulos para a futura utilidade pública, julgo tambem indiſpenſavel haver huma Maquina Electrica no Hoſpital, viſto ſer o fluido electrico hum remedio mui efficaz em differentes moleſtias.

Todas as camas devem ſer numeradas, e providas de tudo o que for preciſo para hum doente; a ſaber, talher, cópo, tijella para lavar-ſe, garrafa, chicara, toalha &c.: ao menos devem ter todos os doentes de males contagioſos as ſuas couſas ſeparadas das dos outros, para que huma enfermidade naõ ſe eſpalhe pelo uſo commum.

Em

Em todos os quartos dos doentes deve haver hum livro, no qual ſe ache eſcrita a quantidade dos enfermos com os números das camas; e perto de cada cama ſe deve achar eſcrito em hum papel ao menos o nome do doente, da ſua enfermidade, o dos remedios de que uſa: o número deve concordar com o do livro, de ſorte que tudo eſteja ſempre em boa ordem, e que naõ ſe poſſa trocar hum pelo outro.

Tudo iſto ſe póde fazer muito facilmente com a aſſiſtencia dos Diſcipulos, e Praticantes, para os quaes eſte emprego tambem he hum exercicio muito util.

Quando qualquer enfermo entra no Hoſpital, o Secretario, ou outra qualquer peſſoa para iſſo deſtinada deve fazer aſſento de differentes pontos; por exemplo o nome, a idade, o ſexo do doente, a ſua patria, occupaçaõ, o dia de entrada no Hoſpital &c. O methodo mais compendioſo, e breve ſería a formaçaõ de huma tabella, da qual reſultaria huma clara demonſtraçaõ da mortandade relativa, qualidade, e número das enfermidades de cada mez, e anno, e das ſuas eſtações; o que conſtitue o fundamento de huma regular arithmetica politica taõ cultivada em todos os paizes bem civilizados (Vid. Tabella II.).

He preciſo grande cautela contra o perigo, e ſuſto, que póde ſeguir-ſe de hum fogo, que infelizmente haja de acontecer no Hoſpital, e por tanto deve ſempre haver huma bomba para eſte fim. Já em outra occaſiaõ fallei da abundancia d'agoa, indiſpenſavelmente

ne-

neceſſaria a hum Hoſpital ; e por iſto ſupponho , que em caſo de fogo ſe achará ſempre prompta huma quantidade ſufficiente para ſupprir o ſorvo da bomba.

Os convalecentes devem eſtar ſeparados dos enfermos; e toda a attençaõ a eſte reſpeito he de muita importancia.

Os menos doentes , e convalecentes conforme as circumſtancias, devem ſer occupados em alguma caſta de trabalho. O meſmo emprego relativamente ſerá de muito proveito para a convalecença mais prompta , e reſtauraçaõ perfeita da ſaude, e taõ util ao meſmo tempo para os doentes , como para a meſma inſtituiçaõ. Em muitas occaſiões elles poderáõ empregar-ſe em fazer fios, ou na cozinha, ou mondando as hervas da quinta, &c. As mulheres poderáõ cozer, concertar a roupa, e fazer outros trabalhos leves , dos quaes ſempre ha preciſaõ em hum Hoſpital.

Para que nada falte aos doentes ainda he indiſpenſavel de mais a mais huma particular cautela, e contínua vigilancia, para que as regras dictadas pelo Medico, ou Cirurgiaõ ſejaõ executadas com pontualidade, e que o enfermo receba os remédios ás horas deſtinadas. Para eſte fim naõ deve haver falta de Enfermeiros, criados, e de todas as peſſoas neceſſárias em hum tal Eſtabelecimento.

A experiencia moſtra que o ſexo feminino he muito mais meigo, eſcrupuloſo, e infatigavel em ſervir, e tratar dos doentes; e por conſequencia aonde for poſ-

ſi-

ſivel empregar mulheres em lugar de homens, ſempre ſe dará a preferencia ás primeiras; e eſta obſervancia naõ he ſenaõ o dictame da experiencia quotidiana.

A grandeza, e extenſaõ do inſtituto, a quantidade, e qualidade dos enfermos determinaráõ naturalmente o número ſufficiente das peſſoas, que ſe devem empregar para exercer os ſeguintes empregos: Adminiſtradores, Directores, Medicos, Cirurgiões, Boticarios, Ajudantes, Eccleſiaſticos, Barbeiros, Governantes, Cozinheiros, Lavadeiras, Enfermeiros, e Enfermeiras, Agoadeiros, Serventes de ambos os ſexos para o aceio da Caſa, e deſpejo &c.

CAPITULO VII.

Dos Medicos, e Cirurgiões.

NAda contribue mais para a felicidade do genero humano, do que o cuidado de emendar erros, e diminuir prejuizos inveterados. Que campo immenſo ſe abre nos Hoſpitaes para Medicos, e Cirurgiões pagarem eſte benefico tributo á humanidade!

Por tanto naõ devem perder occaſiaõ alguma de inquirir mais profundamente a origem, e a cauſa das doenças, e de fazer todo o poſſivel para amplificar o effeito ſalutifero da execuçaõ de huma obrigaçaõ, donde depende particularmente o progreſſo da Sciencia Medica.

Os Medicos, e Cirurgiões eſtenderáõ a ſua utilidade muito mais, ſe tiverem de quando em quando, ou

ao menos huma vez todos os annos huma Junta geral para examinar circumſtanciadamente os objectos pertencentes aos ſeguintes pontos: a ſaber, as invenções, melhoramentos, deſcubertas, e obſervações ſobre epidemias, cuja natureza naõ he baſtantemente conhecida; v. gr. cancro, tetano, hydrofobia; ſobre hemorrhagias perigoſas, e mortaes; ſobre chagas, ou feridas de vaſos ſanguiferos importantes; e geralmente ſobre caſos de qualquer ſorte intereſſantes. Que methodos ſe tem ſeguido em taes caſos, e o que ſe ha de fazer no futuro em ſemelhantes occaſiões para a cura das doenças, que tem fruſtrado as eſperanças da Medicina, e para ſe applicarem melhores, e mais certos remedios em outros da meſma natureza.

Ás peſſoas, que moſtraõ falta de ſciencia, e capacidade, naõ ſe deve permittir o continuarem nos ſeus miniſterios, antes de darem provas de ſe terem aproveitado da inſtrucçaõ, dos conſelhos, e aviſos, que ſe lhes communicáraõ.

Huma Junta dos Medicos ſempre ſe deveria fazer em todos os caſos perigoſos, quando o tempo, e as circumſtancias o permittiſſem, mas ſabe-ſe muito bem, que em muitas occaſiões de operações Cirurgicas naõ ſe póde fazer huma Junta formal, attendendo ao perigo momentaneo do doente. Em caſo de rupturas, chagas, e feridas das grandes arterias preciſa-ſe muitas vezes no meſmo inſtante da entrada fazer-ſe huma operaçaõ, e por iſto he ſempre neceſſaria a aſſiſtença de peſſoas inſ-

truidas no Hoſpital, que conheçaõ a importancia da obrigaçaõ de bem tratar, tanto de huma parte do corpo individual, como do todo, ou da meſma vida.

A reſpeito da aſſiſtencia Medica, e Cirurgica ſeria muito para deſejar, que os Medicos, e Cirurgiões achaſſem no valor conſideravel dos ſeus honorarios todo o motivo ſufficiente para a ſua aſſiduidade, e diſvello aſſim como a proporçaõ devida com as urgencias de huma taõ cuſtoſa ſubſiſtencia, qual he a preſente; porque ſó fazendo da aſſiſtencia, e ſerviço do Hoſpital a ſua principal, e quaſi unica occupaçaõ, he que ſe poderia eſperar que elles inteiramente, e efficazmente ſe dedicaſſem todos a eſte humano inſtituto.

Tambem ſería pela meſma razaõ melhor empregar menor número de Medicos, e Cirurgiões com melhores partidos, do que maior número com poucos honorarios. O eſtabelecimento perde ſempre, ſe o Medico conſidera o ſerviço do Hoſpital como hum accidente ſecundario, em lugar de ſentir a ſua diſtincta dignidade como vaſſallo, a quem o Eſtado tem confiado a vida de mil ſujeitos, cuja conſervaçaõ lhe he mui cara.

Pois o Medico de hum Hoſpital exercendo o ſeu miniſterio deveria moſtrar hum certo gráo de gravidade decoroſa, que ſem offender a condeſcendencia caritativa, que requer a preſença de infelizes, ſe affaſta da nimia familiaridade plebéa; o Medico deve tambem inſpirar a devida confiança a todos os doentes ſubalternos, e a todos os aſſiſtentes huma idéa reſpeitoſa da ſua autho-

rida-

ridade, capacidade; e do ſeu merecimento, e conſervar conſtantemente huma conducta igual, que lhe ſegure a continuaçaõ da meſma veneraçaõ.

Ha occaſiões aonde convem a auſencia dos Enfermeiros, para ſe devaçar ſobre o ſeu reſpectivo comportamento; mas ha outras, que requerem a confrontaçaõ reciproca para o meſmo fim. O juizo prudencial dos Adminiſtradores, e peſſoas da Faculdade deve apprender a diſtinguillos; porque ellas ſaõ taõ frequentes, variadas, e complicadas, que he impoſſivel reduzillas a certas regras.

As viſitas dos Medicos naõ ſe podem reſtringir a certas horas: a ſua frequencia he muitas vezes taõ benefica, como a ſua ineſperada repetiçaõ. Ellas ſaõ muitas vezes urgentes meſmo de noite: ſempre porém devem fazer-ſe com toda a decencia, circumſpecçaõ, e delicadeza devida ao deſcanſo do corpo, e do animo dos doentes.

O Boticario ſem competente inſtrucçaõ dos principios das ſciencias da Chymica, e Botanica naõ poderia determinar as qualidades das plantas, nem as faria colher a ſeu tempo, nem extrahir as ſuas virtudes, e applicallas para as differentes preparações. Algum eſtudo da Fyſica experimental tambem lhe he indiſpenſavel, para ao menos ſaber manejar a Maquina Electrica, e outros ſemelhantes inſtrumentos, cujo uſo o progreſſo das deſcobertas novas cada vez faz mais neceſſario.

Quantas mais preparações Chymicas ſe fabricaõ no

meſmo Hoſpital, tanto mais proveito dalli reſulta, naõ ſómente para hum inſtituto deſte natureza, mas tambem para os Candidatos, e Diſcipulos, que o frequentaõ, e que deveriaõ ter livre acceſſo para verem fazer as preparações Chymicas.

Tambem os ſujeitos, que já naõ podem ſer contemplados como meros Diſcipulos da Faculdade, e que acabaõ de eſtudar theoricamente a ſciencia Medica, deveriaõ ſer obrigados a aſſiſtir, e viſitar os Hoſpitaes muitas vezes para apprenderem a natureza dos accidentes, ou ſymptomas das enfermidades, e o modo de as curar praticamente.

Em todos os Hoſpitaes ſería mui vantajoſa a exiſtencia de huma Bibliotheca, cujo uſo ſe poderia facultar aos Diſcipulos de todas as claſſes, debaixo das condições adoptadas, e eſtipuladas para eſte fim. Já ſe tem viſto, que a inſtituiçaõ de ſemelhantes Livrarias tem tido o mais brilhante, e deſejavel ſucceſſo em bem pouco tempo pela emulaçaõ, que excitaõ nas peſſoas da Faculdade.

Pode-ſe inſtituir mui facilmente huma tal Bibliotheca, e augmentalla com os donativos dos bemfeitores do inſtituto, recolhendo, e guardando-os ſómente com cuidado, e decencia, e para iſto ſeria facil deſtinar algum quarto do meſmo Hoſpital.

Os Medicos, e Cirurgiões deveriaõ ſer obrigados a notar os ſymptomas, e o methodo, que ſe applica a cada doente; e por iſſo deveria haver hum jornal de to-

todos os enfermos. He huma obſervaçaõ, que naõ pode ſer repetida baſtantes vezes, e com baſtante attençaõ, que a maior parte dos erros, faltas, e diſputas na pratica Medicinal procedem do modo ſuperficial, e inexacto com que ſe fazem as obſervações praticas.

Para evitar pois eſte inconveniente eu offereço aos B. L. da Faculdade huma Tabella, que he taõ util, como neceſſaria, e da qual ſe uſa na maior parte dos Hoſpitaes Inglezes, Alemaẽs, e Francezes. O proveito eſſencial que reſulta deſtas Tabellas para a Medicina (ſendo ellas bem dirigidas) he taõ grande, que ninguem que preza a verdade póde duvidar de ſua utilidade (V. Tabella I.).

Em beneficio do público deveria empregar-ſe huma peſſoa do Hoſpital (iſto póde ſer, ou hum Eſtudante, ou o Boticario, ou o ſeu Aſſiſtente, ou qualquer outra peſſoa) unicamente para tomar conta das mudanças meteorologicas; a ſaber, que obſervaſſe todos os dias o Barometro, Thermometro, o vento, e o tempo (Vid. Tabella III.)

Outras obſervações tambem mui proveitoſas, principalmente aos Medicos, que praticaõ fóra do Hoſpital, ſeriaõ os reſultados ſeparadamente tirados com exacçaõ, e regularidade das Tabellas precedentes, as quaes podem igualmente ſer reduzidas a reſumo em fórma de Tabella, e ſeriaõ conſtruidas todos os mezes por hum dos principaes Medicos do Hoſpital. Os pontos, que deveriaõ notar-ſe ſeriaõ os ſeguintes: Influencia, e diſpoſi-

çaõ

çaõ da eſtaçaõ do anno ſobre as moleſtias epidemicas, eſporadicas, inflammatorias, e chronicas : ſe eſtas exiſtem no Hoſpital, ou naõ : a apparencia dos orgaõs depois da diſſecçaõ; obſervações particulares em caſos extraordinarios &c.

Com o uſo deſtas Tabellas ſe evitariaõ muitos erros, e defeitos, que ſe encontraõ tantas vezes nas liſtas dos doentes, e dos mortos. Frequentemente nellas ſe confundem os ſymptomas com a doença, a ſituaçaõ, e apparencia da doença nos ultimos dias, com a meſma doença.

Quando a gangrena, ou convulsões terminaõ a vida, naõ ſe inquire geralmente a cauſa, que produzio a doença de hum, ou outro caſo; mas na liſta dos mortos ſe diz ſómente, que o doente morreo de gangrena, ou de convulsões : outro grande abuſo occorre com os termos vagos de febres, de malignas, e de thiſica. Todas as moleſtias perigoſas, das quaes a morte he a conſequencia, ſaõ geralmente deſignadas nas liſtas com meia duzia deſtes termos, que ou dizem de mais, ou de menos; e que até ſe daõ a objectos, que nada menos merecem do que eſta denominaçaõ.

Com o nome de apoplexia, v. gr. quaſi ſempre ſe deſigna qualquer accidente que cauſa huma morte repentina, ſem indagaçaõ ulterior, ou averiguaçaõ de alguma outra cauſa, que tiveſſe a maior influencia, e da qual propriamente proveio o accidente. Tudo iſto he hum abuſo das palavras, vergonhoſo ás luzes do tempo, e per-

ni-

nicioſo ao progreſſo da ſciencia mais difficultoſa, e as liſtas dos que morrem naõ ſaõ inſtructivas de modo algum, em quanto ellas ſaõ feitas da maneira erronea já mencionada.

CAPITULO VIII.

Dos Eccleſiaſticos.

FAzendo todo o poſſivel para a utilidade do Publico da claſſe Medica, Cirurgica, Economica, Dietetica &c. tambem ſe naõ deve deſprezar, e omittir advertencia alguma do que pertence á alma dos doentes.

Para eſte fim devem haver todos os preparos para ſe dizer ao menos huma Miſſa todos os dias em cada ſalla; ſem contar as que ſe dizem na Capella todos os Domingos, e Dias ſantos.

Os Eccleſiaſticos do Hoſpital ſempre devem eſtar promptos, para que os doentes poſſaõ receber a todas as horas a conſolaçaõ eſpiritual.

Que couſa pode inſpirar mais animo aos doentes, do que a Fé em Deos, em Jeſu Chriſto, e a eſperança do perdaõ dos ſeus peccados? A aſſiſtencia dos Eccleſiaſticos he ás vezes mais efficaz do que todos os remedios da Botica; e por conſequencia os Medicos, e Cirurgiões apenas virem, que a vida do doente eſtá em perigo, e que os remedios naõ correſpondem com a ſua eſperança, he da maior obrigaçaõ mandar chamar o Eccleſiaſtico para adminiſtrar-lhe os Sacramentos, para que

o pobre enfermo morra ao menos com o ſoccego do eſpirito, que a graça ineffavel do ſeu Creador lhe offerece pelos merecimentos de Jeſus Chriſto.

O Eccleſiaſtico tambem deve attender ao eſtado do doente, e á ſua capacidade a reſpeito das impreſsões moraes, e depois de lhe ter aſſiſtido nos pontos eſſenciaes, e indiſpenſaveis com os Sacramentos, naõ o deve moleſtar com demaſiada verboſidade, e até he indecente eſperdiçar verdades ſantas, e ſalutiferas quando já o doente naõ he ſenſivel ás impreſsões externas.

Com tudo iſſo deve-ſe evitar quanto fôr poſſivel o triſte eſpectaculo dos moribundos aos mais doentes, e evitar que elles obſervem os lugubres apreſtes das ſolemnidades uſuaes das exequias. A impreſſaõ, que eſtas luctuoſas ceremonias cauſaõ, ſempre he perigoſa em qualquer tempo ás peſſoas, que padecem huma grave enfermidade; e tem-ſe viſto verdadeiramente exemplos, aonde a impreſſaõ deſtes funebres apparatos tem ſido mortal ás peſſoas ſenſiveis, e nervoſas.

A morte de qualquer peſſoa deve ſer indicada aos ſuperiores com huma certa formalidade, e deve-ſe inveſtigar a cauſa deſtes ſiniſtros acontecimentos, e ſe acaſo ſe tem feito a diligencia, e aſſiſtencia competente em qualquer occaſiaõ: tambem ſe deve inquirir ſe houve Junta, e os ſeus reſultados, ou ſe o cadaver foi examinado; ſe o Medico, ou Cirurgiaõ tem ſatisfeito á ſua obrigaçaõ em toda a ſua extenſaõ &c.

Tambem ſe deve eſtabelecer como regra certa, que to-

todos os mortos ſejaõ depoſitados, ao menos durante o tempo de dous dias, em hum apoſento para iſſo deſtinado, e ter cuidado, que nenhum ſe enterre ſenaõ 48 horas depois de morto; ſalvo ſe os Medicos por juſtos motivos mandarem o contrario, para ſe naõ augmentar a liſta dos exemplos daquelles, que tem ſido ſepultados ſó apparentemente mortos.

Percebendo-ſe que alguns enfermos dos Hoſpitaes carecem de principios moraes, e que lhes faltou a boa educaçaõ, devem ſer examinados a reſpeito da ſituaçaõ particular de ſeus negocios domeſticos, dando-ſe-lhes bons conſelhos, e admoeſtando-ſe para que façaõ as diſpoſiçõeſ neceſſarias.

Naõ ha melhor occaſiaõ de ſe poder ajuntar tanta quantidade de gente da claſſe inferior para enſinar-lhes o que devem a Deos, e ao proximo, e para ſupprir alguma falta da cultura de ſuas faculdades intellectuaes. A doença meſma offerece opportunidades ſempre favoraveis para a recepçaõ de boas impreſsõeſ, para corrigir o modo de penſar de hum número taõ conſideravel da ſociedade, e para melhorar o eſtado da humanidade, aſſim no fyſico, como no moral.

Nunca ſe deveria perder huma occaſiaõ taõ opportuna, até para a diminuiçaõ dos motivos frequentes de juſtas queixas, que occorrem na vida civil.

Todos os dias ſe deveria fazer alguma liçaõ, ou algum diſcurſo inſtructivo aos doentes, attendendo ſempre ás circumſtancias particulares de cada individuo.

O culto público dos Templos grandes, e as ſantas admoeſtações do pulpito, ás quaes poucos doentes pódem aſſiſtir, naõ ſaõ para iſſo baſtantes.

Toda a peſſoa, ainda que naõ ſeja Eccleſiaſtica, naõ poderá perdoar a ſi meſma qualquer omiſſaõ, ou deſcuido a reſpeito de huma contribuiçaõ de tanta importancia para o verdadeiro deſtino dos entes racionaes; e aſſim os Hoſpitaes podem vir a ſer eſtabelecimentos uteis, naõ ſómente nacionaes, mas tambem ſeminarios de fructos, que amadurecem além deſte mundo; pois empregando nelles peſſoas, que deſempenhem com intelligencia, e capacidade o negocio, e conducta das almas, a claſſe meſma abandonada ao ſimples inſtincto das paixões, e humildes ſentimentos, qual he a dos doentes pobres, virá a ſer inſtruida nos verdadeiros principios da moralidade, e Religiaõ, e a ſer modello para os ſeus concidadãos na reſignaçaõ, e paciencia com o que padecem.

F I M.

IN-

INDICE.

Dos Capitulos que contêm eſte Livro.

CAPITULO I. *Hoſpitaes para partos* . . . 1.
Hoſpitaes Militares, e Maritimos . . . . . 2.
——— *para Doudos* . . . . . ibid.
——— — *Bexigas* . . . . . 3.
——— — *Cancros, mal venereo, caries &c.* . 4.
Hoſpitaes geraes . . . . . 5.
CAP. II. *Da conſtrucçaõ do edificio para hum Hoſpital* . . . . . 12.
CAP. III. *Da pureza do ar, e do aſſeio nos Hoſpitaes* . . . . . 17.
CAP. IV. *Dos remedios chymicos para purificar o ar* . . . . . 28.
Dos acidos mineraes . . . . . 29.
Do acido nitroſo . . . . . 33.
Do acido vegetal . . . . . 36.
Dos perfumes . . . . . 38.
CAP. V. *Da dieta* . . . . . 40.
CAP. VI. *Da Economia* . . . . . 47.
CAP. VII. *Dos Medicos, e Cirurgiões* . . . 56.
CAP. VIII. *Dos Eccleſiaſticos* . . . . . 63.

TABELLA PARA AS OBSERVAÇOENS NOSOLOGICAS ASSIM NOS HOSPITAES, COMO NA PRATICA PARTICULAR.

Eſtado do Enfermo antes da doença, principio, e ſymptomas da doença antes de ſer tratado medicalmente no Hoſpital.	Número da Cama.	Eſtado, e progreſſo da doença.
Nome da doença.		Methodo de curar.

Dias.		Eſtado da cabeça, e dos ſentidos.	Sabor na bocca.	Vontade de comer.	Sede.	Lingua.	Reſpiração.	Eſcarro.	Eſtado da regiaõ hypocondriaca, e abdominal.	Soltura do ventre.	Ourina.	Eſtado da pelle.	Pulſo.	Sangue.	Somno.	Symptomas extraordinarios.	Medicina.		Dieta.
do mez.	da doença.																Externa.	Interna.	

PROSPECTO DOS DOENTES.

TABELLA II.

Nome do Doente.	Idade.	Sexo.	Patria.	Occupaçaõ.	Doença.	Entrada no Hoſpital.	Sahida do Hoſpital.	Exito da Doença.

TABELLA III.

TABOA DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS.

Dias do mez.	Hora do dia.	Barometro.	Thermometro.		Vento.	Tempo.
			Fahrenheit.	Reaumur.		